



Desenvolvimento social de base em favelas do Rio de Janeiro



Um guia prático

LONDON SCHOOL OF ECONOMICS AND POLITICAL SCIENCE (LSE)

Sandra Jovchelovitch e Jacqueline Priego-Hernandez.

REPRESENTAÇÃO DA UNESCO NO BRASIL

Colaboração editorial: Marlova J. Noletto, Diretora da Área Programática e Beatriz Coelho, Oficial de Projetos de Ciências Humanas e Sociais

Revisão: Unidade de Comunicação, Informação Pública e Publicações (UCIP)

Diagramação: www.soapbox.co.uk

© 2015 Sandra Jovchelovitch e Jacqueline Priego-Hernandez



Este guia está disponível em acesso livre ao abrigo da licença Atribuição-Partilha 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório UNESCO de acesso livre <http://unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>.

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito da parceria com a London School of Economics and Political Science, a qual tem como objetivo desenvolver uma plataforma de diálogo sobre desenvolvimento social entre os vários atores no Brasil e no Reino Unido, com base na pesquisa “Sociabilidades Subterrâneas” sobre desenvolvimento social nas favelas do Rio de Janeiro. Os autores são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos neste guia, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

Este guia prático foi financiado pelo Higher Education Innovation Funding.



**Knowledge
Exchange**
HEIF 5

Desenvolvimento social de base em favelas do Rio de Janeiro



Um guia prático

Sandra Jovchelovitch e Jacqueline Priego-Hernandez

Sumário

Sobre este guia prático	2
Do que trata	3
A quem se destina	3
Como utilizar o guia prático	4
O que é desenvolvimento social de base	5
O desenvolvimento social de base: principais fatos nas favelas	6
Seção A – O contexto	10
Caixa de ferramentas 1 – Diagnóstico do contexto	12
Seção B – O modelo	22
Caixa de ferramentas 2 – Foco em indivíduos e comunidades	24
Caixa de ferramentas 3 – Uso da cultura e da imaginação	42
Caixa de ferramentas 4 – Travessias	60
Referências bibliográficas	88
Anexo 1 – Ferramentas e propostas de ação	91
Anexo 2 – Notas para o facilitador	92
Créditos das imagens	94



Faça o download do livro:
blogs.lse.ac.uk/favelasatlse

Acesse o site que acompanha este guia prático:
blogs.lse.ac.uk/toolkitsocialdevelopment

Sobre este guia prático

Este guia prático traz informações, recursos e instrumentos baseados em lições e resultados da pesquisa [Sociabilidades Subterrâneas](#), uma parceria internacional e interinstitucional que estudou a identidade, a cultura e a resiliência de favelas no Rio de Janeiro.

Essa pesquisa procurou entender e sistematizar as características dos modelos de desenvolvimento social de base que vêm sendo implementados em favelas pelas organizações locais AfroReggae e Central Única das Favelas (CUFA). Atuando ao mesmo tempo como parceiras e sujeitos da pesquisa, o AfroReggae e a CUFA desempenharam um papel fundamental na viabilização do trabalho de campo nas favelas e em atividades com a *London School of Economics* (LSE), UNESCO, Itaú Social e Itaú Cultural, garantindo acesso a um contexto rico, complexo e difícil de atingir.

Ao longo de três anos, estudamos a sociabilidade das favelas, a metodologia de trabalho do AfroReggae e da CUFA, e as visões e experiências de seus parceiros e observadores, incluindo a polícia, o setor privado, os meios de comunicação e especialistas. Descobrimos que a pobreza e a exclusão produzem marginalização e sofrimento humano, mas que as pessoas que vivem nessas condições têm competências e habilidades que podem resistir à exclusão e produzir desenvolvimento social.

As organizações de base em favelas demonstram capacidade de ação e competência para produzir mudanças positivas, enfocando ao mesmo tempo indivíduos e comunidades, utilizando as artes e a imaginação para estimular ações coletivas, e construindo múltiplas travessias. Suas ações englobam da participação comunitária à revitalização urbana, à reintegração de ex-presidiários às suas comunidades, e oficinas, concertos e peças teatrais que ampliam a imaginação, as expectativas de vida e os sonhos dos jovens da favela. Esse modelo de desenvolvimento social de base pode ser aplicado em qualquer lugar, uma vez que está fundamentado em dimensões universais: o Eu (*self*) como protagonista, o poder da imaginação e o valor do diálogo como ferramenta para gerenciar diferenças e conflitos.

Além dos achados e lições fundamentais da pesquisa, este guia prático é sustentado pelos resultados e pelas experiências do projeto [Communicating Bottom-up Social Development: A Dialogue between Multiple Stakeholders in the UK and Brazil](#), um trabalho, baseado na troca de conhecimentos, financiado pelo [Higher Education Innovation Funding](#) (HEIF) do Reino Unido. Com foco global, o projeto disseminou experiências de desenvolvimento social de base e administrou o blogue "[Favelas@LSE](#)". Além disso, criou condições para que pudéssemos devolver e compartilhar os resultados da pesquisa para as comunidades de favelas, envolver-nos com um público maior de ativistas e formuladores de políticas no Brasil e no Reino Unido, e utilizar a validação comunicativa para testar os conceitos e as ferramentas apresentadas neste

guia prático. O objetivo final é contribuir para uma maior disseminação do que funciona no desenvolvimento social de base. Esperamos que a metodologia de trabalho, as estratégias e as ferramentas aqui documentadas ajudem a construir capacidade em outros contextos.

Do que trata

Este guia prático é um manual fundamentado na pesquisa Sociabilidades Subterrâneas, realizada em favelas do Rio de Janeiro. Foi elaborado com base nas experiências e nos relatos de pessoas que moram, trabalham e atuam nas favelas e, em especial, no trabalho de duas organizações de base – CUFA e AfroReggae. Essas duas organizações ofereceram o modelo básico de desenvolvimento social apresentado neste guia prático, mas também foram incluídas lições de outras organizações de base de favelas.

O guia prático é composto por duas seções principais, que incluem ao todo quatro caixas de ferramentas. A primeira seção trata do *contexto*.

A primeira caixa contém três ferramentas para se entender o contexto das comunidades:

- Instituições
- Capital social
- Resiliência

A segunda seção constitui a parte central do guia prático e compreende três caixas de ferramentas, que contêm o modelo de trabalho das organizações de base de favelas.

Caixa de ferramentas 2. Foco em indivíduos e comunidades

- Andaimos psicossociais
- Autoestima e redes

Caixa de ferramentas 3. Uso da cultura e imaginação

- Contar histórias
- As artes

Caixa de ferramentas 4. Travessias

- Abrindo fronteiras e parcerias
- Contato e diálogo
- Cidadania

A quem se destina

Este guia é dirigido a formuladores de políticas públicas, ativistas e profissionais atuantes em diferentes áreas. Líderes comunitários, especialistas, professores, jovens, mobilizadores de jovens, bem como formuladores de políticas públicas interessados em tecnologias sociais inovadoras e estratégias bem-sucedidas que vêm sendo desenvolvidas no Brasil, encontrarão aqui um conjunto de conceitos, fatos e estratégias para trabalhar com organizações de base e para elaborar políticas.

Figura 1

A imaginação em atividade: crianças se divertem tocando tambor nas favelas



Como utilizar o guia prático

O guia foi elaborado de forma que a Caixa de Ferramentas 1 apresenta uma base para a compreensão de contextos, e as Caixas 2, 3 e 4 fornecem materiais e ferramentas específicas para a atuação visando ao desenvolvimento social nesses contextos. O leitor pode usar as diferentes caixas de forma não linear, inspirar-se nelas e adaptá-las ao seu contexto específico, se necessário. Este guia prático não deve ser visto como uma receita pronta para reproduzir o desenvolvimento social de base encontrado em comunidades de favelas: é um recurso flexível, que contém um cardápio de opções para serem trabalhadas em todas as partes do mundo.

A parte final do documento traz uma lista de referências e dois anexos. O Anexo 1 contém uma tabela com propostas de ação sugeridas em cada ferramenta e a forma como se aplicam a cada uma delas. O Anexo 2 apresenta sugestões para pessoas que têm interesse em facilitar oficinas e em capacitar suas comunidades, e discute de que forma as atividades podem ser implementadas em oficinas de um dia de duração.

O que é uma favela

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define favela da seguinte forma:

“Favelas são definidas como aglomerações urbanas subnormais, assentamentos irregulares em áreas consideradas inadequadas para urbanização, como as encostas íngremes de montanhas do Rio: um conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.), ocupando – ou tendo ocupado – até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular); dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em sua maioria, de serviços públicos e essenciais” (IBGE, 2011).

O que é desenvolvimento social de base

Desenvolvimento social é uma expressão que abrange os “processos de mudança que levam a melhoras no bem-estar humano, nas relações sociais e nas instituições sociais, e que são equitativos, sustentáveis e compatíveis com princípios de governança democrática e justiça social” (UNRISD, 2011, p. 2). *Desenvolvimento social de base* refere-se a ações idealizadas, iniciadas, desenvolvidas e conduzidas por membros da própria comunidade. Os interesses e objetivos das iniciativas de base atendem às necessidades da comunidade e a forma como estas se transformam. Ao contrário da maioria dos programas de desenvolvimento que deixam os locais de intervenção à medida que os objetivos são alcançados, as iniciativas de base são desenvolvidas na comunidade, pela comunidade e permanecem na comunidade.

Os benefícios dessas iniciativas são muitos e reconhecidos em todas as partes do mundo. Estudos demonstram que elas obtêm resultados positivos nas áreas social, econômica, educacional e de saúde (CORNISH et al., 2014; MURRAY; CRUMMETT, 2010; PHILLIPS, 2004; SKOVDAL et al., 2013). Também se sabe que a mobilização comunitária constitui um método poderoso para enfatizar e expor a voz de comunidades marginalizadas (CAMPBELL et al., 2010; CAMPBELL; JOVCHELOVITCH, 2000).

Um aspecto importante para movimentos e organizações populares é o seu papel em relação ao do Estado. Grupos e organizações que atuam conforme o modelo de desenvolvimento social de base podem ser parceiros eficazes do Estado, mas não podem – nem devem – substituir o Estado e os serviços que são de sua responsabilidade.



Sociabilidades subterrâneas

Sociabilidades subterrâneas são formas de vida social que se tornam invisíveis aos olhos da sociedade devido a barreiras geográficas, econômicas, simbólicas, comportamentais e culturais. A natureza oculta dessas sociabilidades é socialmente construída por representações dominantes, pelo controle institucional, pela exclusão social e por mecanismos psicossociais, como a negação das condições e dos padrões de vida de outros. Historicamente associadas à violência, à exclusão e à marginalidade, essas sociabilidades são frequentemente trazidas à tona por erupções que envolvem comportamentos violentos e/ou criminosos. Dentre os exemplos de como as sociedades enfrentam cara a cara as suas sociabilidades subterrâneas, figuram as muitas batalhas travadas entre a polícia e os chefes do tráfico de drogas nas ruas do Rio de Janeiro e de São Paulo na última década e, em um contexto completamente diferente, as revoltas e as manifestações violentas de rua ocorridas no verão de 2011, em Londres.



O desenvolvimento social de base: principais fatos nas favelas

O Brasil tem um forte histórico de participação da sociedade civil e de vida associativa (FLEURY, 2011; LAVALLE et al., 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005). O país saiu de uma ditadura em 1985 e, desde então, vem desenvolvendo uma sólida estrutura institucional para facilitar a participação dos cidadãos (AVRITZER, 2009; BAIOCCI, 2008). Entretanto, o surgimento de grupos organizados de moradores de favelas no início da década de 1990 é amplamente considerado como um novo fato no desenvolvimento da esfera pública brasileira, diferindo de todas as manifestações anteriores da sociedade civil no país (RAMOS, 2006; VIANNA, 2006).

São características desses novos movimentos:

- *Introdução de um novo ator social na sociedade civil organizada* – moradores de favelas jovens e negros, que criam organizações novas – suas próprias organizações –, como AfroReggae, CUFA, Nós do Morro e Voz da Comunidade, entre outras (ver [Cidadania](#)).
- *Identidade e território* – esses grupos são diferentes das organizações de desenvolvimento social tradicionais, porque são constituídos e conduzidos por pessoas que vêm das favelas e vivem nelas, e cuja identidade está ligada a esses territórios. As histórias de vida e as experiências de líderes e ativistas são equiparáveis às trajetórias das pessoas que vivem nas favelas (ver [O contar de histórias](#)).
- *Organizações híbridas com múltiplos papéis* – esses grupos combinam diferentes modelos e identidades, compondo uma mistura de ONGs, movimentos sociais, empreendedores culturais, negócios sociais, pais e mães substitutos, professores, pessoas que fornecem treinamento para a vida, e pessoas que fazem a ligação com o Estado e seus serviços (ver [Contato e diálogo](#)).
- *Ênfase na vida pessoal* – as organizações de base nas favelas colocam a vida pessoal de cada indivíduo de volta na agenda do desenvolvimento social, enfatizando a autoestima, o apoio emocional e o desenvolvimento de habilidades e competências individuais (ver [Andaimes psicossociais](#)).
- *Orgulho e visibilidade* – esses grupos trabalham para “dar visibilidade ao invisível”, enfatizando a cultura e a identidade de suas comunidades de origem. Têm orgulho do seu território e trabalham para apresentá-lo de forma positiva na esfera pública (ver [Autoestima e redes](#)).
- *Travessias e parcerias múltiplas* – esses grupos envolvem múltiplos parceiros fora das favelas, inclusive o setor privado, o Estado, os meios de comunicação e as artes (ver [Abrindo fronteiras e parcerias](#)).

Desenvolvimento social de base em contexto

Este é um exercício para fazer você pensar sobre o desenvolvimento social de base e de que forma ele se aplica à realidade em que você vive.

O que você entende por desenvolvimento social de base?

Para mim, *desenvolvimento social de base* é

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Você consegue pensar em cinco exemplos diferentes de iniciativas sociais de base?

1.
2.
3.
4.
5.

De que forma esses exemplos coincidem e diferem entre si?

Semelhanças

Diferenças

.....
.....
.....
.....
.....
.....

Na sua visão, quais são as vantagens das iniciativas sociais de base?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

O que você considera ser o desenvolvimento social tradicional nos contextos em que você trabalha?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Você trabalha com organizações e pessoas fora da sua comunidade para alcançar suas metas de desenvolvimento social? Pense sobre quem são elas e quais são os benefícios e as dificuldades resultantes desse envolvimento.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Fonte

Adaptado de FREIRE, P. *Cultural action for freedom*. London: Penguin, 1972.

Líderes, facilitadores e educadores envolvidos em ativismo cultural com comunidades devem ter cuidado para evitar...

1. Criticar uma realidade que não conhecem. O poder de organizações locais decorre do fato de elas conhecerem o contexto.
2. Ignorar a forma como a população local considera a realidade em que vive. Nesse aspecto, podem ser úteis técnicas básicas de pesquisa, abordagens participativas e mídias sociais.
3. Criticar apenas por criticar. É melhor gastar energia em questões que podem ser discutidas, em vez de fazer afirmações vazias.
4. Sugerir uma realidade alternativa, sem ter um plano de como executá-la. Propostas devem funcionar na prática.
5. Deixar as pessoas para trás. As ações de desenvolvimento social precisam da participação das pessoas, não somente para levantar questões e planejar projetos, mas também para implementá-los e liderá-los.



Representações sociais

Um conceito importante para quem trabalha com desenvolvimento social de base é o de *representações sociais*. As representações sociais são sistemas de ideias, valores e práticas construídos por grupos sociais, com a dupla função de orientação e de comunicação. Introduzido pelo psicólogo social Serge Moscovici (1961–2008) em um estudo sobre como as ideias mudam na esfera pública, o conceito de representações sociais se refere a maneiras de pensar e de agir no mundo; as representações sociais expressam a mentalidade de um grupo, o pensamento e o comportamento, as identidades e a cultura de uma comunidade. O mundo contemporâneo é composto por uma pluralidade de representações sociais, cada uma expressando projetos, identidades, modos de vida e diferentes níveis de poder nos campos sociais. A forma como as representações se encontram, competem entre si e transformam umas às outras em esferas públicas é um dos problemas mais interessantes do tempo presente (BAUER; GASKELL, 2008; JOVCHELOVITCH, 2007). É importante mapear o modo como as comunidades manifestam as suas lutas representacionais na esfera pública geral da cidade, tentando ressignificar como são vistas e percebidas pela sociedade em geral. De extrema importância para o desenvolvimento social de base é a transformação das representações sociais das favelas e dos moradores das favelas, demonstrando ativamente que o crime, as drogas e a violência estão longe de ser as características dominantes da sua cultura. Empurrando o que é invisível para a esfera pública aberta, esses grupos desafiam estereótipos e símbolos dominantes e contribuem significativamente para mudanças nas relações intergrupais e nas identidades sociais de toda a cidade.

Seção A

O contexto

Caixa de ferramentas 1 Diagnóstico do contexto



Instituições

Capital social

Resiliência



Caixa de ferramentas 1

Diagnóstico do contexto

O desenvolvimento social de base se inicia com um diagnóstico o mais preciso possível do contexto. Nas favelas do Rio de Janeiro, o desenvolvimento social de base está fundamentado em uma estreita conexão com o contexto. Três elementos centrais para a compreensão do contexto são: estrutura institucional, capital social e resiliência da comunidade.



Instituições
Capital social
Resiliência

Como é a vida na comunidade? Quais são os principais dilemas, dificuldades e oportunidades que as pessoas encontram em sua vida cotidiana? Para responder a essas questões, um bom começo é mapear os tipos de instituições, o capital social e a resiliência da comunidade.

Uma característica central do desenvolvimento social de base no Rio de Janeiro é que os ativistas e líderes trabalham com as instituições disponíveis na comunidade, e se inspiram em seu capital social e em sua resiliência para transmitir uma narrativa positiva, dentro e fora de suas fronteiras.



Instituições

A QUE SE REFERE

Instituições são estruturas sociais estabelecidas na comunidade. Podem ser organizações com presença física em prédios específicos, como ONGs, a polícia e as Igrejas. Também podem ser grupos de pessoas organizadas em torno de uma meta, como o tráfico de drogas. Geralmente, a família é a instituição mais próxima dos membros da comunidade – o primeiro e, em geral, o mais importante grupo de pessoas com o qual eles têm contato.

POR QUE É IMPORTANTE

Mapear a estrutura institucional é importante para realizar um balanço dos recursos disponíveis na comunidade, com os quais as organizações locais podem trabalhar no enfrentamento de problemas.



INSTITUIÇÕES: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

Nos contextos das favelas, há cinco instituições principais cujo apoio e cujo alcance têm impacto sobre a tomada de decisões dos moradores. Cada uma delas tem um papel diferente na vida das pessoas:

- A *família*, que desempenha um papel crucial no sentido de viabilizar ou impedir escolhas e trajetórias de vida.
- O *Estado*, cuja presença é rara, sendo representado principalmente pela polícia.
- O *tráfico de drogas*, que ainda é um organizador-chave da vida na favela, por meio do oferecimento de empregos, e da criação de regras e controles que ocupam o espaço que o Estado deixa vazio.
- As *Igrejas*, principalmente as evangélicas, que oferecem apoio, mas nem sempre são compatíveis com o estilo de vida de muitos moradores das favelas.
- As *ONGs*, como o AfroReggae e a CUFA, que oferecem oportunidades e alternativas à vida no crime. Elas se inspiram em todas as instituições acima, desempenhando o papel da família, do Estado e das Igrejas, e competindo com o crime organizado na formulação das escolhas e da tomada de decisões dos moradores da favela.



Oficina sobre instituições

MAPA DA COMUNIDADE

Objetivos:

- Analisar o papel dessas instituições e suas relações com os membros da comunidade.

Duração: 1 hora

Materiais:

Uma folha grande de papel / Canetas hidrográficas de várias cores / Caderno e caneta para anotações

O que vamos fazer?

1. Comece com uma lista de todas as instituições e de todos os recursos que podem ser encontrados em uma comunidade. **(10 minutos)**
2. Em grupo, desenhe uma comunidade na folha de papel – pode ser qualquer uma, mas de preferência aquela em que vive a maioria dos participantes. No desenho, situe todos os elementos incluídos na lista que foi elaborada no início. **(20 minutos)**
3. Depois de elaborar o mapa da comunidade, o grupo discutirá as questões a seguir, e um participante (secretário) anotará as ideias principais que surgirem: **(30 minutos)**
 - a. Como as pessoas utilizam as instituições da comunidade? Por exemplo, onde os moradores passam a maior parte de seu tempo, e por quê?
 - b. Que instituições contam com mais recursos materiais? E quais são as instituições com maior influência sobre a comunidade? Existe uma relação entre esses dois fatos, ou seja: as instituições mais bem equipadas são mais atraentes para os membros da comunidade e/ou lhes fornecem maior apoio?



LIÇÕES

- As instituições oferecem apoio aos membros da comunidade, em todas as etapas de sua vida; sua qualidade e abrangência têm o poder de viabilizar ou impedir escolhas de vida. As instituições não são apenas uma referência abstrata: elas são fatores decisivos determinando a trajetória de indivíduos e comunidades.
- A quantidade e a diversidade das instituições desempenham um papel na mobilidade social e física dos membros da comunidade: influenciam a possibilidade que indivíduos têm de cruzar fronteiras e construir redes.
- A religiosidade e a fé têm influência importante nas comunidades; nesse sentido, constituir parcerias com instituições religiosas pode ser importante para o desenvolvimento social de base.



Capital social

A QUE SE REFERE

A expressão *capital social* designa a riqueza de redes e relações sociais de que uma pessoa dispõe. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu (1986), capital equivale a poder, e capital social é a soma de recursos ligados a uma rede de relacionamentos que tem o potencial de fornecer outros recursos a você e à sua comunidade. Em outras palavras, é o capital de que você dispõe por fazer parte de um grupo, de modo que, por exemplo, quando precisar de um emprego, você terá alguém que o ajude a encontrá-lo, ou que possa apresentar você a alguém que seja capaz de fazê-lo.

Existem dois tipos de capital social: o capital social de *vínculo*, que mantém as pessoas conectadas dentro da comunidade; e o capital social de *ponte*, que possibilita que as comunidades se conectem umas às outras (PUTNAM, 2000). Quanto mais conexões tiver, mais ricas serão as trocas que um indivíduo experimentará, maior será a probabilidade de colaboração com outras pessoas para atingir um objetivo, e maiores serão as possibilidades de que esse indivíduo encontre novas ideias e oportunidades.

POR QUE É IMPORTANTE

O capital social é considerado um fator importante para que uma comunidade seja resiliente – ou seja, tenha resistência a choques súbitos –, de forma a possibilitar que seus membros também sejam resilientes (BRETON, 2001). Manter conexões sociais, dentro e fora da comunidade, é um requisito para se produzir mudança social. Os vínculos internos permitem que as comunidades atuem em conjunto, em questões que são preocupações comuns. As pontes com o mundo externo alavancam essas questões jogando-as na esfera pública.



CAPITAL SOCIAL: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

- Há um forte sentido de pertencimento e coesão nas favelas.
- Os moradores das favelas mantêm vínculos com seu território, e o lugar em que vivem faz parte da sua identidade.
- A sociabilidade é um aspecto importante da cultura das favelas; os moradores de favelas são sociáveis e têm prazer em participar de reuniões com seus vizinhos e com outros grupos da comunidade.

LIÇÕES

- A coesão social é um recurso para a eficácia das ações promovidas por organizações de base e a solidariedade interna das comunidades facilita o desenvolvimento social.
- A identificação com o território possibilita que as organizações de base sejam capazes de propor uma história positiva, que possa desestabilizar estereótipos e representações negativas da comunidade.
- O capital social de ponte reduz o isolamento e realiza a conexão com uma grande variedade de atores fora da comunidade, possibilitando que as organizações de base influenciem políticas e a sociedade de forma geral.



Sociabilidade

O conceito de *sociabilidade* é importante para o desenvolvimento social de base porque ele permite entender a vida de uma comunidade. O conceito foi introduzido por Simmel (1950) para descrever a forma lúdica da vida social, assim como a alegria e a imaginação que acompanham a experiência do social. Simmel define a sociabilidade como a forma lúdica da socialização, ou seja, a experiência prazerosa, alegre e agradável decorrente da interação das pessoas na sociedade. Imagine-se a situação social perfeita: divertir-se com os pares, conversar, rir, brincar e desfrutar o prazer completo de estar junto com outras pessoas. Para Simmel, essa experiência é a essência da sociabilidade. Esse prazer puro da sociabilidade é possível porque atores sociais são capazes de se desprender das formas reais, materiais e concretas da vida social, que envolvem estruturas e posicionamentos relacionados a hierarquias e à desigualdade nos campos sociais. Ao se conseguir abstrair a riqueza, a posição e o poder, esquecer o *status* e outras obrigações da vida “real”, então é possível envolver-se ludicamente no jogo da sociabilidade, na apreciação da presença de outros, nos jogos de conversação e de relação que produzem a convivência e a experiência compartilhada. Elemento básico da cultura brasileira, a sociabilidade como ludicidade está particularmente presente na cultura da favela, como expressão da identidade cultural e como um ato de resistência contra as duras condições de vida.



Mutirão: organizando a ação conjunta para a renovação urbana

Considere a seguinte versão ligeiramente modificada de uma coluna do jornal Extra, publicada antes da ação conjunta promovida pela CUFA em uma favela:

“A partir das 8h de sábado, a favela da Vila Kennedy, em Bangu, fará um mutirão para revitalizar o Teatro Mário Lago, único espaço cultural do local, e que se encontra fechado desde fevereiro do ano passado. A ação é uma parceria entre a Central Única das Favelas (CUFA), artistas e produtores locais. A ideia da reabertura surgiu dos moradores. A partir daí, Celso Athayde, fundador da CUFA, reuniu-se com lideranças locais e, juntos, decidiram fazer o mutirão.

A ação será iniciada com um abraço no teatro. Depois, será realizada uma grande faxina, feita por voluntários, entre moradores e artistas locais. Uma vez aberto, o espaço contará com diversas oficinas, entre elas: teatro, grafite e música” (Extra, 8 de maio de 2014).

Agora, considere de que forma uma ação similar poderia acontecer na sua comunidade. Aqui estão alguns pontos a desenvolver:

- **Planejamento.** No exemplo acima, foram os moradores da comunidade que identificaram a necessidade de uma ação conjunta para renovar um espaço público. A comunidade sempre é a melhor fonte de informações, quando se trata de identificar do que necessitam e o que desejam. Os pontos a serem desenvolvidos em uma ação conjunta normalmente surgem durante reuniões de vizinhos ou da comunidade e, por esse motivo, é importante organizar-se, reunir-se com frequência e discutir.
- **Promoção.** É importante divulgar para a comunidade a ação planejada em conjunto. Os canais de comunicação social são muito eficazes para essa finalidade, assim como as publicações comunitárias (veja o caso do “Jornal Voz das Comunidades”, na página 46). Convites de porta em porta e avisos afixados na rua também são bons recursos para alcançar as pessoas.
- **O evento.** Considere a possibilidade de dividir as tarefas e atribuir microprojetos a diferentes grupos. Tenha o cuidado de democratizar as tarefas e evitar reproduzir hierarquias na comunidade, mas sempre respeitando os códigos culturais – por exemplo, se for necessário, separar as tarefas por gênero e permitir que os idosos se concentrem em algumas tarefas de sua escolha.
- **Comemoração das realizações.** Uma vez alcançada a meta do mutirão, considere a possibilidade de uma inauguração, em que os membros da comunidade comemorem o que realizaram. Planeje lanches para o final do mutirão – as pessoas que não puderem participar do mutirão, poderão contribuir preparando esses lanches. Lembre-se de divulgar as realizações da comunidade em encontros e/ou em jornais da comunidade.

Resiliência

A QUE SE REFERE

O conceito de *resiliência* tem suas raízes na física, e refere-se à capacidade que os materiais têm de recuperar sua forma original depois de terem sido modificados por uma força qualquer. Em termos psicológicos, falamos de *resiliência* quando nos referimos a pessoas que, apesar de experimentarem condições de adversidade – tais como pobreza, violência e perdas pessoais extremas –, conseguem se adaptar e alcançar realizações na vida (LUTHAR; CICHETTI; BECKER, 2000). Um exemplo famoso desse processo foi documentado pelo psicólogo austríaco Viktor Frankl, em seu livro “Em busca de sentido”, em que narrou sua experiência em campos de concentração nazistas e sua luta para sobreviver naquele contexto.

Coutu (2002) identificou três condições que se impõem para uma pessoa resiliente:

1. Reconhecer as circunstâncias reais do contexto em que está inserida.
2. Buscar sentido para a vida, utilizando a imaginação para conceber um futuro potencialmente melhor, que dependa de uma razão de ser no presente.
3. Ter criatividade e improvisar soluções com os meios que estiverem ao seu alcance.

RESILIÊNCIA: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

Apesar das adversidades do contexto, muitos moradores de favelas demonstram iniciativa e capacidade para construir uma vida bem-sucedida, especialmente quando contam com algum nível de apoio institucional na comunidade (JOVCHELOVITCH; PRIEGO-HERNANDEZ, 2013). Os moradores das favelas preenchem as condições identificadas por Coutu (2002):

- Falam abertamente sobre seus problemas e verbalizam suas preocupações. Constatou-se que uma visão mais realista de seus problemas e de suas condições de vida está associada à participação no AfroReggae e na CUFA.
- Utilizam a cultura, a arte local e a identidade brasileira para dar sentido a seus sonhos e a suas aspirações para o futuro.
- Produzem soluções com base nos materiais de que dispõem, trabalhando ativamente e de maneira criativa para melhorar suas condições de vida.

LIÇÕES

- O apoio psicossocial por parte de pessoas e instituições protege contra a marginalização e aumenta a resiliência. Ver andaimos psicossociais.
- Sonhar com o futuro protege o Eu contra as adversidades do contexto e aumenta a resiliência. Ver o contar de histórias.
- A ação colaborativa fortalece os indivíduos e as comunidades diante da adversidade, fornecendo lições e ensinando os benefícios da ajuda mútua. Ver mutirão.



Oficina sobre resiliência e capital social

ESTUDO DE CASO

Objetivos:

- Identificar o capital social e a resiliência na vida cotidiana da comunidade.
- Analisar um caso real e identificar de que forma esses conceitos podem ser aplicados.
- Sugerir outros exemplos da vida cotidiana em que o capital social e a resiliência podem ser identificados.

Duração: 50 minutos

Materiais:

Guia de instruções / Caderno e caneta para anotações

O que vamos fazer?

1. Dividir o grupo em dois – dependendo do tamanho do grupo, dividir em duplas. Cada grupo lerá um dos dois conceitos centrais da atividade: *resiliência* e *capital social*. **(5 minutos)**
2. O grupo se reúne novamente para ler a história de Mônica (abaixo). A leitura do grupo pode ser individual ou coletiva, como se preferir. **(10 minutos)**
3. Levando em consideração a história de Mônica, o grupo discutirá as questões a seguir. Um participante (secretário) tomará notas: **(35 minutos)**
 - a. Você consegue pensar em alguém como Mônica na sua comunidade?
 - b. Em quais eventos da história de Mônica podemos identificar o capital social?
 - c. Identifique outros exemplos em que a comunidade se reúne para trabalhar e atingir um objetivo comum.
 - d. Identifique exemplos de pessoas que demonstram resiliência em sua comunidade, e explique o porquê.



Mônica sempre viveu em Cantagalo, uma comunidade no Rio de Janeiro, onde trabalha como secretária. Quando estava concluindo o ensino médio, engravidou e não pôde continuar estudando, embora quisesse. Hoje, mora perto de sua mãe, com seu marido e dois filhos. Frequenta uma Igreja evangélica há cinco anos e, devido aos acontecimentos de sua vida, acredita no destino.

A maior realização de Mônica foi construir sua casa, conforme nos contou. Ela trabalhava como empregada doméstica, já havia alguns anos, quando seu patrão perguntou onde ela morava, e ela respondeu que morava com seus pais e dormia no chão. O patrão perguntou se ela tinha onde construir uma casa para morar por sua própria conta, e ela respondeu que havia espaço em cima da casa de seu irmão. O patrão, então, ajudou com o custo dos materiais, e seu pai e seu marido ajudaram, transportando os materiais e construindo a casa.

Mônica disse que evita alguns lugares de sua comunidade e não gosta de sair à noite, porque já foi roubada no caminho para o trabalho. Além disso, contou que é muito difícil atingir seus objetivos e que, às vezes, o futuro parece incerto. Ela nos disse: *“...a gente não sabe, o que eu já vi pessoas de bem, fiel ali e os filhos deram pra...através de amigas, influências, desencaminharam. A gente tem uma vida, eu falo pra você que sou feliz, mas a gente tem uma vida muito sofrida, que aqui nada é muito fácil porque aqui construir uma casa...tudo é muito sacrifício, material é tudo caro, você tem que pagar pessoas pra carregar”*.

Entretanto, quando questionada sobre a favela, Mônica disse que há *“gente de bem, trabalhadora, gente que corre atrás, famílias... são redes...”*. Ela gosta de viver em Cantagalo também porque não precisa pegar ônibus para ir trabalhar, e tem a praia bem perto, onde pode se divertir, mesmo sem dinheiro. Se pudesse mudar alguma coisa em sua comunidade, gostaria que as pessoas fossem *“mais integradas no convívio”* e que houvesse mais limpeza e maior integração.

Seção B

O modelo

Caixa de ferramentas 2 **Foco em indivíduos e comunidades**



Andaimos psicossociais
Autoestima e redes

Caixa de ferramentas 3 **Uso da cultura e da imaginação**



Contar histórias
As artes

Caixa de ferramentas 4 **Travessias**



Abrindo fronteiras e parcerias
Contato e diálogo
Cidadania



Caixa de ferramentas 2

Foco em indivíduos e comunidades

A atenção combinada nos âmbitos individual e comunitário é um elemento central do desenvolvimento social de base. Ao contrário dos movimentos sociais tradicionais que enfocam unicamente o âmbito macro do desenvolvimento social, as organizações de base das favelas prestam atenção à vida pessoal de cada indivíduo, trabalhando para fortalecer o Eu (*self*) e suas competências. Eles sabem que a mudança social exige pessoas que pensem em si mesmas como agentes e protagonistas de sua própria vida.



Andaimes psicossociais Autoestima e redes

Andaimos psicossociais

Esta ferramenta diz respeito a estruturas de apoio que ajudam as pessoas a aprender, crescer e se desenvolver ao longo da vida. Para entendê-la, devemos pensar na função dos andaimes em uma construção: eles ajudam a sustentar e apoiar a estrutura dos prédios para que eles fiquem de pé e a construção se desenvolva.

A QUE SE REFERE

Os *andaimes psicossociais* são ações e esquemas que contribuem para o desenvolvimento nos âmbitos individual e social. Referem-se ao papel central que tanto pessoas como instituições tem no desenvolvimento saudável dos seres humanos. O termo andaime foi utilizado como metáfora para descrever estruturas de apoio psicológico pelos psicólogos Lev Vygotsky e Jerome Bruner, que mostraram que os seres humanos necessitam de outras pessoas e da sociedade como um todo para crescer e realizar plenamente seu potencial. O andaime simboliza uma ação entre pessoas; o apoio fornecido por cuidadores ou pares mais experientes funciona como um “trampolim”, que oferece suporte emocional e impulsiona as pessoas para frente.

Muitos psicólogos pensavam que esse apoio viria unicamente da família, e funcionaria principalmente nos primeiros anos de vida do indivíduo. Entretanto, pesquisas mais recentes constataram que os andaimes psicossociais podem ser fornecidos por diversas instituições de apoio, funcionam ao longo de toda a vida e desempenham um papel crucial no combate à marginalização e à exclusão.

Apoiar uma criança, um jovem e até mesmo um adulto, por meio do oferecimento de cuidados, sejam eles interpessoais ou institucionais, é uma ação que produz mudanças positivas específicas no desenvolvimento individual, e pode levar ao desenvolvimento no âmbito comunitário.

Em termos práticos, os andaimes psicossociais exigem duas ações: *sustentação (holding)* e *manejo (handling)*. Esses dois processos complementares foram introduzidos pelo psicanalista britânico Donald W. Winnicott, referindo-se às formas como um cuidador – geralmente a mãe – fornece amor incondicional a um bebê e, ao mesmo tempo, ensina-lhe regras e restrições. Essa combinação de amor e regras possibilita que a criança em crescimento se relacione com o mundo, de um modo socialmente competente e saudável.

A *sustentação* vem em primeiro lugar. Além de dar amor, o cuidador atende às necessidades do bebê de maneira amorosa e confiável, provendo desde o alimento até o conforto físico e emocional. No ato de sustentar, a doação do prestador de cuidados é incondicional.



Pessoas e organizações podem fornecer andaimes psicossociais a qualquer ser humano em qualquer estágio de sua vida

O *manejo* vem depois ou ao mesmo tempo que a sustentação. Aqui, o cuidador estabelece regras e limites para a criança, de forma gradativa e com cuidado amoroso. Por meio do manejo, a criança aprende que faz parte de um mundo social mais amplo: é uma pessoa capaz de realizar coisas por si mesma, mas também deve respeitar regras e aceitar os direitos dos outros.

POR QUE É IMPORTANTE

Os andaimes psicossociais ajudam os indivíduos expostos a difíceis condições de vida a desenvolver a confiança e a segurança, em si mesmos e no mundo social. Os andaimes são a base da autoestima, da cidadania e da capacidade de trabalhar com outras pessoas para transformar a realidade.



ANDAIMES PSICOSSOCIAIS: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

Os andaimes psicossociais são uma ferramenta amplamente utilizada no desenvolvimento social de base em contextos de favelas. Os projetos de organizações locais, como o AfroReggae e a CUFA, acionam regularmente os conceitos de sustentação e manejo, por meio de estratégias e intervenções relacionais:

- Líderes e ativistas mantêm com a comunidade um relacionamento de *pais e mães substitutos*, oferecendo apoio emocional e cuidados, além de ensinar regras e restrições.
- As organizações investem pesadamente na capacitação de jovens que, futuramente, atuarão como andaimes de outros jovens em situações similares na comunidade.
- Membros da comunidade identificam pessoas chave dentro das organizações locais – aquela que lhes deu suporte, orientação, estímulo e, quando necessário, ensinou regras básicas de comportamento.
- Líderes e ativistas reintroduzem a confiança no outro e oferecem modelos de identificação para os membros da comunidade que muitas vezes não tiveram vivência de relacionamentos estáveis, e que frequentemente sentem ira, desesperança e desilusão.



Programa de bolsas de estudo condicionadas

Este é um programa implementado pelo AfroReggae, por meio de diferentes projetos. De modo geral, os participantes de todos os projetos recebem algum tipo de incentivo material, na forma de alimentos, viagens e atividades de lazer. Além disso, os participantes que atendem aos critérios de qualificação – isso não ocorre com todos os participantes – recebem uma remuneração mensal. Esse pagamento em dinheiro está condicionado à frequência continuada à escola, e tem como objetivo apoiar os jovens em seu envolvimento com as artes e com os esportes.

O programa de bolsas de estudo é uma forma de “sustentar” os participantes:

- Nos cursos de esportes ou de artes em que estão inscritos, os participantes têm treinadores ou professores que fazem o papel de pais e mães. Como dizem os participantes, eles *“perguntam como você está; vão à sua casa conversar com os seus pais”*.
- Os participantes recebem incentivos materiais que pagam suas despesas de transporte e lhes dão alguma ajuda com relação às suas diversas necessidades.

Ao mesmo tempo, as bolsas de estudo são uma forma de “manejar” os participantes:

- A matrícula contínua na escola é obrigatória.
- As regras dentro dos cursos devem ser respeitadas; por exemplo, os participantes devem chegar pontualmente na hora dos ensaios e das aulas.
- O envolvimento contínuo nos esportes e nas artes fornece aos participantes estrutura e rotinas cotidianas: eles devem frequentar a escola em horários determinados, fazer as lições de casa e estudar – para progredir na escola –, reservar tempo para os cursos de artes e/ou esportes, bem como para agendar ensaios, apresentações e/ou jogos. Para um jovem, essa é uma vida de ocupações que, nas palavras dos participantes, serve para mantê-los com foco em atividades produtivas, evitando desvios para estilos de vida caracterizados pela ociosidade ou pelo crime.

LIIBRA* (e esportes em geral)

O basquete de rua é um esporte desenvolvido em favelas brasileiras e promovido pela CUFA. Começou livremente nas ruas e, na atualidade, é praticado amplamente e tem seu próprio campeonato nacional. A primeira edição das regras do jogo expressa, simultaneamente, a combinação de criatividade na abordagem e as restrições aplicáveis: “Todos os tipos de malabarismos e truques com a bola são permitidos [...] o jogador pode caminhar ou mesmo correr com a bola [...] Esta permissão, contudo, não autoriza o jogador a dar sobre passo” (ATHAYDE, 2008, p. 33).

No estabelecimento de “regras e manhas do basquete urbano”, os especialistas na área de desenvolvimento social exemplificam o processo de sustentação/manejo (ATHAYDE, 2008, p. 87). Eles fornecem fundamentos organizados e seguros, por meio dos quais os jogadores podem expressar a si mesmos, seus atributos físicos e sua vitalidade, em um esforço coletivo e combinado. Ao mesmo tempo, estabelecem os limites do que é e do que não é permitido aos jogadores na busca por seus objetivos. O uso simultâneo de “truques” e “regras” ajuda na conscientização de que, mesmo em contextos de envolvimento lúdico, existem limites para o nosso comportamento. Essas lições, por sua vez, podem ser transferidas para outros contextos da vida dos participantes.

(*) LIIBRA – Liga Internacional de Basquete de Rua

Andaimos psicossociais em ação



DO QUE SE TRATA

As atividades de sustentação/manejo são aquelas em que uma pessoa ou uma figura institucional identificável – treinador, professor ou coordenador de atividades – dá apoio e *ao mesmo tempo* estabelece limites comportamentais para os participantes.

Em primeiro lugar, os participantes recebem apoio, e isso se dá sob várias formas. Os exemplos incluem novos conhecimentos e novas habilidades, bem como a disponibilização de um espaço de cuidados e acolhida para a autoexpressão. Em segundo lugar, se, por um lado, as atividades devem ser flexíveis para atender às necessidades de pessoas que podem ter passado por experiências de adversidade – famílias destruídas, escolaridade inconsistente e falta de figuras de autoridade confiáveis –, essas atividades também implementam regras e estabelecem os limites de um comportamento social culturalmente aceitável, tais como escutar os outros e esperar a vez para falar.



QUEM

- De modo geral, em contextos como os das favelas, mães e avós aplicam os conceitos de sustentação e manejo com as crianças pequenas. Entretanto, é demasiado importante que a figura do pai também ofereça esse tipo de apoio.
- Os conceitos de sustentação e manejo podem ser aplicados a pessoas de qualquer idade, mas é mais provável que seus benefícios ocorram no caso de jovens, que podem transferi-los para outras etapas de sua vida.
- Quem quer que se disponha a apoiar outras pessoas poderá utilizar as ferramentas de sustentação e manejo. Professores, grupos religiosos e lideranças comunitárias podem desempenhar muito bem essa tarefa, mas qualquer pessoa pode cumprir o papel de modelo de vida, em alguma área específica, como por exemplo, no esporte, na escola ou na participação cívica, ou mesmo de maneira geral.



PARA QUÊ

- Realização do potencial pleno de pessoas da comunidade por meio de estruturas de apoio.
- Desenvolvimento do Eu e sua capacidade de autorregulação.
- Promoção de rotinas e estruturas no cotidiano e da ética no trabalho.



COMO

Tal como ocorre nos exemplos da LIIBRA e das bolsas de estudo, existem iniciativas concretas que podem associar os conceitos de sustentação/manejo. Aqui, você vai encontrar algumas **Propostas de ação** para cada um dos processos:

Sustentação

- *Modelos de identificação e esquemas de apoio.* Incentive a criação de esquemas de apoio e orientação dentro da comunidade. Especialmente em contextos de famílias destruídas, os jovens podem se beneficiar da interação com modelos positivos que os inspirem e lhes forneçam apoio. Para os jovens, saber que contam com alguém com quem podem discutir seus problemas, obter aconselhamento para tomar decisões importantes, ou simplesmente conversar, pode fazer uma grande diferença em momentos de crise.
- *Apoio material.* Organize as comunidades para colaborar no atendimento das necessidades de seus membros. Matérias-primas para artesanato, material escolar e sapatos podem parecer coisas simples, mas certamente fazem diferença na vida de quem tem muito pouco. O apoio também vem na forma de incentivos materiais.
- *Apoio à aprendizagem.* Promova a organização de esquemas para a aprendizagem em suas diversas formas. Desenvolver habilidades de leitura, aprender novas atividades e mostrar criatividade na produção de novos conhecimentos são algumas das formas de se incentivar a aprendizagem formal e informal. Contar com uma ou mais pessoas na liderança desse tipo de apoio é positivo para os aprendizes, que podem confiar no conhecimento de tais pessoas e usá-lo como “andaime” para o seu próprio desenvolvimento.

Manejo

- *Estabelecimento de rotinas.* Incentive a comunidade a assumir atividades em horários regulares. Vidas desorganizadas pela adversidade se beneficiam muito com o estabelecimento de uma estrutura e de uma rotina de vida. Além da frequência à escola, atividades na comunidade, como grupos de ajuda nas lições de casa, podem contribuir para estabelecer limites entre o trabalho e o lazer – e fornecer confiança para desafiar esses limites, quando for necessário.
- *Criação de códigos de conduta.* Em reuniões da comunidade, promova o estabelecimento de regras comportamentais e de códigos de conduta e civilidade nas relações sociais. Embora a rigidez deva ser evitada ao dar-se apoio a uma pessoa, é importante especificar o que pode e o que não pode ser feito no contexto da instituição ou da casa – quando se tratar de uma casa de família – onde o apoio é fornecido. Dessa forma, é possível criar uma base de comportamentos que sejam socialmente adequados para a vida e para o mundo do trabalho. Esportes e jogos que sejam de interesse no contexto cultural em que a ONG trabalha – for exemplo, o futebol, no caso do Brasil – funcionam muito bem para se apresentar regras de maneira lúdica.



Sustentação /manejo

Processo de crescimento em que um bebê passa de um estágio inicial, de completa dependência, a outra fase, em que começa a ter uma independência relativa e aprende a se relacionar com outras pessoas e a sobreviver sem a presença dos cuidadores.

Sustentação: atitude inicial de apoio e atenção incondicionais que caracteriza um cuidador amoroso – em geral, a mãe.

Manejo: ações em que o cuidador estabelece limites para a criança e, pouco a pouco, deixa de lhe dar atenção incondicional. Essas ações permitem que a criança se torne mais independente da mãe e comece a compreender que também deve ser capaz de enfrentar o mundo com seus próprios recursos, lidar com as frustrações e respeitar as necessidades e os desejos de outras pessoas, assim como gostaria que os seus fossem respeitados.

Pesquisas mostram que quaisquer pessoas ou organizações, tais como professores, amigos, parentes e ONGs, podem fornecer andaimes psicossociais a qualquer ser humano, em qualquer idade ou estágio de sua vida.

Modelo para tutoria comunitária

Por quê: para ajudar crianças de famílias uniparentais em suas atividades após o período escolar, quando o pai ou a mãe está trabalhando.

Onde: casas da vizinhança. Funciona na base de rodízio, de modo que cada pai ou mãe receba as crianças a cada 15 dias.

Quando: duas vezes por semana, das 16h00 às 19h00.

Do que se trata: o pai/a mãe ou parente (irmão mais velho, avós, tios/tias) recebe um grupo pequeno de crianças (entre quatro e seis), para ajudar nas lições de casa. Não é necessário que essa pessoa tenha nível escolar superior ao das crianças, basta que seja alfabetizada: a ideia é que a pessoa trabalhe com as crianças durante três horas, para entender a lição de casa e a melhor forma de realizá-la.

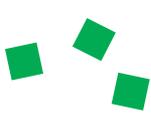
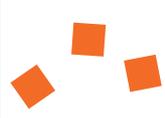
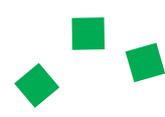
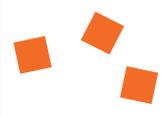
Espera-se que o pai/a mãe ou os parentes deem um breve apoio pastoral às crianças, e trabalhem com elas em atividades rápidas, como a preparação de lanches para todos (uma limonada é suficiente!).

A considerar:

Antes de formar um grupo, verifique se esse serviço ainda não é oferecido por ONGs na sua comunidade.

Embora não seja necessário separar as crianças com necessidades diferenciadas – como no caso de famílias uniparentais, que pode ser apenas um critério implícito –, é mais fácil começar com um grupo homogêneo, com recursos e necessidades semelhantes.

Esse modelo pode ser adaptado e divulgado para a formação de grupos de apoio escolar.

	MÃES	AFROREGGAE & CUFA	
HOLDING			SUSTENTAÇÃO
HANDLING			MANEJO



Oficina sobre andaimes psicossociais

CLASSIFICANDO CARTÕES

Objetivos:

- Identificar o processo de sustentação/manejo nas atividades realizadas por ONGs, Igrejas, escolas e outras instituições na sua comunidade.
- Analisar como se pode aplicar os conceitos de sustentação/manejo em outras áreas da vida cotidiana.

Duração: 1 hora

Materiais:

Papéis adesivos de pelo menos duas cores / Um folha de papel grande, preparada antecipadamente com o esquema desejado / Canetas hidrográficas / Caderno e caneta para anotações

O que vamos fazer?

4. O grupo lê o quadro abaixo, e os participantes explicam uns aos outros, com suas próprias palavras, os conceitos de sustentação/manejo. **(10 minutos)**
5. Usando os papéis adesivos, os participantes escrevem de 5 a 10 atividades, ações e/ou iniciativas de instituições ou grupos existentes na comunidade que envolvam crianças e jovens. **(10 minutos)**
6. Nos papéis adesivos de cores diferentes, os participantes escrevem pelo menos de 5 a 10 atividades, ações e/ou iniciativas de um cuidador (a mãe) para com seu bebê ou filho pequeno. **(10 minutos)**
7. Os participantes recebem uma folha de papel com um esquema como o da foto na página anterior. Usando a folha, eles situam cada atividade – escrita em um papel adesivo – no lugar que considerarem correto. O grupo pode discutir à vontade. **(15 minutos)**
8. O grupo discute e reflete sobre as seguintes questões, enquanto um participante (secretário) realiza anotações: **(15 minutos)**
 - a. Existe alguma atividade que você não sabe onde colocar? Por quê?
 - b. Quais são as principais diferenças entre as formas como as instituições, as ONGs e os grupos na comunidade aplicam os conceitos de sustentação/manejo e a forma como uma mãe realiza esse processo?
 - c. Você acha que ações de sustentação/manejo são realizadas por outras instituições ou atores na comunidade? Por quê?





Autoestima e redes

Esta ferramenta enfoca o valor que indivíduos dão a si mesmos e o papel desempenhado pelas redes sociais na melhoria de como pensam sobre si mesmos e sobre o que fazem.

A QUE SE REFERE

A *autoestima* e as *redes* estão interligadas. A noção que as pessoas têm sobre si mesmas está estreitamente relacionada a sua comunidade e às redes às quais têm acesso. As pessoas utilizam-se disso para entender a si mesmas e para construir a autoestima – isto é, o valor que atribuem a si mesmas.

A extensão e a qualidade das redes de que as pessoas dispõem podem fortalecer ou enfraquecer a forma como pensam sobre si. Em contextos de adversidade e falta de oportunidades, o conceito que as pessoas têm de si mesmas e do que podem realizar pode ser seriamente prejudicado. O acesso a outras partes da cidade e, se possível, do mundo, permite que os indivíduos se exponham a um maior número de experiências, pessoas e conhecimentos, e que contem com redes mais amplas de conhecidos e amigos – pessoas que podem lhes fornecer apoio a qualquer momento.

Quando temos acesso a diferentes lugares e contamos com uma gama diversificada de contatos, temos mais oportunidades de experimentar situações diferentes e de imaginar mundos diferentes. A liberdade para se movimentar na cidade – e no mundo – amplia os horizontes dos membros da comunidade e tem um impacto positivo sobre o desenvolvimento das pessoas, bem como sobre a expansão de suas redes.

POR QUE É IMPORTANTE

Quanto mais lugares e pessoas nós conhecemos, maiores são as probabilidades de expandir a nossa identidade, bem como a percepção de quem somos e do que podemos fazer. Assim, aumentam as probabilidades de lidarmos com a adversidade e com o poder das pessoas nos âmbitos psicológico e social, abrem-se horizontes e criam-se vozes, sonhos e pensamentos – e tudo isso contribui para o protagonismo social e para a realização de ações na sociedade.



AUTOESTIMA E REDES: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

Organizações que atuam em favelas utilizam ativamente a expansão das redes como uma ferramenta para promover a autoestima e o sentimento do valor individual de seus moradores. Elas constroem parcerias e redes nos âmbitos local, nacional e mundial, utilizando as mídias sociais, o intercâmbio cultural e suas próprias experiências artísticas e territoriais. Assim, as identidades e a cultura da favela são levadas para outros contextos e para outros mundos, fornecendo aos membros da comunidade uma plataforma para a visibilidade e o reconhecimento.

Alguns exemplos de ações que ocorrem nas favelas são:

Da favela para o mundo

Este projeto foi desenvolvido pelo AfroReggae com o objetivo de levar um projeto local – o *Escolando a Galera* – para um intercâmbio com estudantes do Barbican Center de Londres. É um excelente exemplo da expansão de redes e dos horizontes dos membros da comunidade.

O AfroReggae implementou essa ação:

- Por meio da mobilidade física dos jovens da favela para um contexto diferente.
- Com foco nas artes, desenvolvendo habilidades e mostrando que os moradores da favela podem contribuir para o intercâmbio cultural.
- Multiplicando as redes de contatos da organização e da favela como um todo, mostrando “ao mundo” o que elas representam, por meio de uma narrativa de criatividade.
- Buscando instituições acadêmicas e culturais no Reino Unido e estabelecendo parcerias com elas.

Os moradores da favela que viajaram para o exterior com o AfroReggae, ou que conhecem alguém que o fez, narraram essas experiências com admiração. Viajar e se expor a uma nova cultura são ações que abrem os horizontes profissionais e culturais dos moradores da favela, bem como reforçam seu direito de sonhar, ter esperança e trabalhar com afinco por um futuro realizável.

Projeto Pixaim

Trata-se de um dos programas da CUFA destinado especialmente a mulheres negras. Essa intervenção implementa uma abordagem com múltiplos métodos para provocar a reflexão sobre os padrões de beleza e a ampliação desses padrões, para capacitar as usuárias a uma ocupação e para reforçar sua autoestima. Esse projeto inclui duas vertentes principais:

1. Discussão sobre os padrões de beleza, especificamente em relação a estética negra. Teatro e leitura são as atividades principais nessa vertente, que conecta o Eu a outras histórias e a outros ideais de beleza.
2. Estímulo ao empreendedorismo, por meio de oficinas de capacitação. Tranças afro e fabricação de bonecas negras são dois meios de geração de renda e de conexão com redes mais amplas para as mulheres.

Essas duas vertentes são complementares, no sentido de levar as participantes a pensarem criticamente sobre quem são, sobre sua comunidade e sobre a sociedade de forma geral. Um entendimento crítico de sua realidade, bem como o comprometimento com outras histórias e com outras redes, são ações que reforçam a autoestima.

Autoestima e redes em ação



DO QUE SE TRATA

As ações voltadas para a autoestima e a expansão das redes de contatos buscam propiciar oportunidades para que os membros da comunidade interajam em outros contextos. Além disso, oferecem conhecimentos, conexões e recursos materiais de instituições, comunidades e agentes aos quais os membros da comunidade geralmente não têm acesso.



QUEM

As ações que expandem redes podem ser realizadas por organizações de base individualmente ou em parceria com outras instituições.



PARA QUÊ

As ações que desenvolvem a autoestima e expandem as redes estão no centro das iniciativas de desenvolvimento social, uma vez que combinam o foco no indivíduo com a ênfase nos relacionamentos, nos vínculos e nas redes de uma comunidade.



COMO

Propostas de ação:

- *Buscando parcerias por meio de patrocínios.* Organizações locais podem buscar parcerias e patrocinadores interessados em trazer seus serviços ou produtos para a comunidade. As parcerias com o setor privado e com o governo fornecem suporte financeiro, sustentabilidade e infraestrutura para as comunidades, possibilitando o intercâmbio de conhecimentos e de experiências, e trazendo aos membros da comunidade diversos benefícios, tais como encontrar novas pessoas, oportunidades de emprego e participação em projetos patrocinados.
- *Buscando parcerias por meio do intercâmbio com outras comunidades.* Organizações de base podem expandir redes por meio de acordos com outras organizações comunitárias, ONGs, movimentos sociais, organizações da sociedade civil (OSCs), universidades e organizações multilaterais. Essas instituições podem multiplicar o alcance e a capacidade de formação de redes, ao mesmo tempo em que oferecem estágios, esquemas de voluntariado e coalizões.

Exercício: autodescoberta e autoestima. Esta é uma atividade individual.

Quem é você? Defina-se em cinco palavras.

1.
2.
3.
4.
5.

Quem você quer ser? Defina em três palavras.

1.
2.
3.

Você consegue identificar três pessoas que sejam um exemplo de quem você quer ser?

1.
2.
3.

Essas pessoas são de sua comunidade? Sim/não. Por que seus modelos estão dentro ou fora da comunidade?

.....

O que você faz melhor? Descreva as atividades em que você se sai bem e que gosta de realizar:

.....

.....

.....

.....

.....

A que recursos você pode recorrer para ser quem você quer ser?

Pessoais (capacidades, conhecimentos, bens materiais)

.....

.....

.....

.....

.....

Sociais (todas as pessoas que você conhece que podem ajudá-lo a atingir seus objetivos)

.....

.....

.....

.....

.....

Serviços (bolsas de estudo, serviços sociais e cursos para os quais você pode se qualificar)

.....

.....

.....

.....

Levando em conta suas respostas anteriores, faça um planejamento resumido para o que você de fato vai fazer para ser quem você deseja ser:

Em um ano...

.....

.....

Em cinco anos...

.....

.....

Figura 2

Aumento da autoestima em uma discussão de grupo



Suas anotações

A large rectangular area with a blue border, containing ten horizontal dotted lines for taking notes.



Oficina sobre autoestima e redes

ESTUDO DE CASO

Objetivos:

- Refletir sobre as possibilidades que um morador da comunidade tem para desenvolver e expandir suas redes.
- Analisar os desafios à autoestima e à expansão das redes de contatos.

Duração: 40 minutos

Materiais:

Uma folha de papel grande / Canetas hidrográficas / Caderno e caneta para anotações

O que vamos fazer?

1. Vamos dividir uma folha de papel grande em duas colunas. Na primeira coluna, você vai elaborar uma lista de dez lugares que possibilitam conhecer pessoas e interagir com pessoas *fora da comunidade*. **(10 minutos)**
2. Na segunda coluna, você vai escrever que tipo de pessoas você pode conhecer nesses lugares. Por exemplo, se você escreveu "local de trabalho" na primeira coluna, é provável que você interaja com o seu chefe e com seus colegas. Assim sendo, eles estariam na segunda coluna. **(15 minutos)**
3. Pensando nas duas colunas que você completou, vamos refletir sobre as próximas questões: **(15 minutos)**
 - a. Levando em conta dois ou três lugares que você colocou na primeira coluna, quais são as vantagens de conhecer pessoas nesses lugares? Por exemplo, uma das vantagens de se ter um emprego é que, no local de trabalho, as pessoas nos conhecem e podemos obter boas referências para um eventual outro emprego.
 - b. É fácil ou difícil construir e manter relacionamentos duradouros com as pessoas que vivem nos lugares que você identificou?
 - c. Dentro da comunidade, existem lugares em que você pode entrar em contato com pessoas que não são da comunidade? Como é o seu relacionamento com elas? Elas afetam o seu modo de pensar sobre você mesmo? Por quê?



Caixa de ferramentas 3

Uso da cultura e da imaginação

Uma inovação chave promovida pelo desenvolvimento social de base nas favelas é a utilização da cultura e da imaginação como ferramentas importantes para realizar a conexão com a cidade e subverter estereótipos negativos sobre a comunidade. Narrativas e recursos culturais das próprias comunidades são utilizados para mostrar a diversidade do povo e das experiências da vida na favela, bem como para estimular o contato e a comunicação entre comunidades.



Contar histórias

As artes



Contar histórias

Esta ferramenta se refere à forma como o contar de histórias expressa e transforma identidades, conecta pessoas e transmite saberes nos âmbitos pessoal e comunitário.

A QUE SE REFERE

Contar histórias é uma ação que o ser humano realiza em todos os lugares, independentemente de idade, classe social ou cultura. É um meio para compartilhar e aprender ideias, valores e práticas. O contador de histórias conta parte de sua história ou da história de outras pessoas; a plateia pode, então, referir-se a essa história e contá-la novamente se quiser, em geral acrescentando algumas de suas próprias experiências e histórias. Assim as histórias vão conectando as pessoas e construindo a história comum a todos bem como a memória compartilhada da comunidade.

O psicólogo Jerome Bruner identifica cinco componentes em uma história:

- Os personagens, que podem ser pessoas ou qualquer ser imaginário, situados em um determinado contexto.
- Uma ordem esperada das coisas, que geralmente significa a forma como todos esperam que as coisas sejam em um contexto, aquilo que é tido como dado.
- Uma ruptura dessa ordem normal: um incidente, uma transformação, um acidente, qualquer evento que provoque uma mudança na ordem normal das coisas.
- O conjunto de ações e eventos que se seguem para lidar com tal ruptura, que vem a ser o enredo da história.
- Um resultado, ou o “fim” da história, que geralmente traz lições que as pessoas levam consigo (BRUNER, 2002, p. 16–17).

Contar histórias é sempre um ato social: existem um contador e uma plateia para o qual a história é direcionada. Essa relação entre o contador de histórias e a plateia constrói novos significados, uma vez que as pessoas podem, mais tarde, tornar-se contadoras ou protagonistas da história. Assim, as histórias podem atravessar o tempo, como quando ouvimos as histórias da nossa comunidade. Elas também podem passar de um lugar para outro, de uma pessoa para outra, de forma muito rápida no presente, e tornar-se amplamente conhecidas, como nas mídias sociais.

Esse é o motivo pelo qual o contar de histórias funciona em diferentes níveis. Quando pensamos em culturas e em sociedades como um todo, vemos que cada uma delas tem suas próprias histórias, que transmitem seus valores, eventos históricos importantes e objetivos que querem alcançar, como a liberdade ou mesmo ideologias políticas. No âmbito da comunidade, as histórias trazem trajetórias compartilhadas sobre sua origem,



Qualquer pessoa pode contar uma história, mas são poucas aquelas cujas histórias são ouvidas

os acontecimentos que a marcaram, seus dilemas e suas dificuldades, assim como a forma pela qual as pessoas enfrentaram esses problemas. Como veremos, contar essas histórias para plateias diferentes, dentro e fora da comunidade, é muito importante para as organizações de desenvolvimento social de base. No âmbito do indivíduo, contar uma história pode ter múltiplas funções: expressar-se, refletir, curar, desabafar, “abrir o coração”. Nesse sentido, contar histórias é um exercício para desenvolver vozes, aprender como expressá-las e, ao mesmo tempo, ao contá-las, ser capaz de imaginar como essas próprias histórias podem ser reescritas.

A cultura popular transmite histórias de muitas maneiras – por exemplo, em novelas, em canções de *rap* e em contos de fadas para crianças, para citar apenas algumas. A memória social também é transmitida por meio de histórias, como aquelas contadas nos hinos nacionais, nas canções populares e nas narrativas mitológicas ou lendas.



Imaginação

A *imaginação* se refere à capacidade humana de ir além do presente imediato e brincar com realidades possíveis. Envolve a projeção de esperanças e a antecipação de futuros que desafiam a configuração presente e real das coisas. Como a arte e a criatividade constituem um componente crucial para a regeneração social nas favelas, a *imaginação* é um conceito central para construir o desenvolvimento social de base.

Imaginar outros mundos é uma adaptação fundamental única aos seres humanos (Bloch, 2008). Sabe-se que na ontogênese, a capacidade humana de imaginar possibilidades alternativas e pensar nas suas implicações surge cedo e transforma profundamente a concepção de realidade em desenvolvimento na criança. Isso permite que a criança realize uma alternância de estruturas, passando da realidade para o faz de conta e vice-versa, estabelecendo uma relação de inspiração mútua entre esses dois registros. Para a criança, o fingimento não é uma distorção, mas uma relação lúdica com a realidade que é imprescindível para um desenvolvimento cognitivo, social e emocional saudável (Harris, 2000; Winnicott, 1982). Fantasia, jogo, devaneio e imaginação são essenciais para o desenvolvimento saudável do pensamento e da racionalidade. Por isso, o trabalho da imaginação é importante para o desenvolvimento social, pois possibilita a produção de visões e de representações alternativas que conduzem os indivíduos, as comunidades e as esferas públicas a adotar ações sociais que promovam uma mudança social positiva. Por meio da brincadeira e da arte, organizações sociais de base estão reposicionando a vida da favela na agenda da sociedade brasileira e utilizando o trabalho da imaginação para desenvolver resiliência e resistência em contextos de pobreza.

POR QUE É IMPORTANTE

O contar de histórias pode modificar as formas pelas quais pessoas e comunidades são apresentadas e representadas. As histórias contribuem de múltiplas formas para ampliar a compreensão e a imaginação das pessoas e das comunidades. Algumas vezes, expressam elementos positivos de uma comunidade, melhorando sua autoestima; às vezes ainda, transmitem histórias de fracassos e perdas, de modo que as pessoas possam refletir e aprender com as experiências de outros; outras vezes, por fim, falam sobre futuros possíveis, coisas a se desejar, de modo que as comunidades possam sonhar e usar seus sonhos para estimular ações que levem a mudanças.



CONTAR HISTÓRIAS: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

No contexto das favelas, a produção e o trabalho com histórias são ferramentas fundamentais, utilizadas continuamente por organizações populares e por movimentos de base em diferentes atividades. Organizações como o AfroReaggae e a CUFA utilizam constantemente o contar de histórias para alcançar seus objetivos. Os projetos são definidos por verbos como *divulgar*, *difundir* e *dar visibilidade*, que têm a função clara de transmitir e promover as narrativas próprias da comunidade.

- As histórias são utilizadas como *exemplos* do que aconteceu a alguém e o que essa pessoa aprendeu com sua experiência. Líderes e ativistas contam e recontam muitas vezes suas histórias pessoais: de que forma enfrentaram tempos difíceis, como lidaram com essas dificuldades e como transformaram essas experiências em ações positivas. Essas histórias são repetidas com tanta frequência que muitas alcançam o *status* de lendas da comunidade.
- As histórias são utilizadas para *transmitir a experiência* da comunidade para a esfera pública mais ampla. As organizações de favelas utilizam múltiplos parceiros – como meios de comunicação, cineastas e organizações internacionais – para divulgar suas histórias.
- As histórias são utilizadas como plataformas de *identificação e aprendizagem*. O contar de histórias percorre toda a favela, de modo que as pessoas possam se identificar e aprender umas com as outras.
- As histórias são usadas como plataformas para *imaginar e ter esperança* sobre realidades alternativas e futuras. Narrativas positivas são selecionadas e amplamente difundidas para oferecer aos jovens das favelas modelos e estratégias para seus projetos de vida.

AfroReggae e CUFA

Contar histórias atravessa todas as intervenções realizadas nas favelas. Estas incluem:

Artes. Música, dança e teatro são usados para produzir histórias e transmiti-las a outras pessoas. Ritmos como *rap*, *hip-hop* e *break* são usados para envolver os jovens na produção e na narração de suas próprias histórias. A capoeira – uma dança afro-brasileira que combina elementos de artes marciais – também é um poderoso transmissor da memória social usada por ONGs. Outras manifestações artísticas, como o grafite, também são usadas por meio de oficinas para que os participantes possam se manifestar e, ao fazê-lo, transformar seus espaços públicos.

Rádio, televisão e mídias sociais. Esses meios de comunicação são amplamente usados para promover um sentimento de orgulho em relação a todos os aspectos positivos de se viver e trabalhar em uma favela. Estereótipos são desafiados, mencionando-se abertamente a palavra *favelado* – um termo frequentemente utilizado de forma pejorativa – e a frase “eu sou favela”, para se recuperar a identidade positiva associada ao território e contar uma história de muito trabalho, luta pela vida, criatividade e solidariedade comunitária.

Premiações. As organizações de base utilizam premiações e cerimônias para reconhecer publicamente as pessoas que trabalham pelo bem comum ou aquelas que representam o que existe de melhor em suas comunidades, em termos de beleza, criatividade ou realizações. Por meio de parcerias, essas organizações foram capazes de levar seus eventos de premiação para o principal teatro da cidade, o Teatro Municipal.

Jornal Voz das Comunidades

Rene Silva Santos, um jovem comunicador que sempre viveu no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, criou, aos 11 anos de idade, um periódico comunitário – o Jornal Voz das Comunidades – para contar a outras pessoas sobre a vida real em sua comunidade. Ele começou relatando fatos que aconteciam na comunidade, passando gradualmente a utilizar as mídias sociais para alcançar o público. Atualmente, a publicação comunitária é referência para os habitantes do Complexo do Alemão e para qualquer pessoa que queira conhecer mais, em tempo real, a vida dessa favela. Para ler histórias extraídas do Jornal Voz das Comunidades, consulte o site www.vozdascomunidades.com.br.

Contar histórias em ação



DO QUE SE TRATA

Contar histórias refere-se à produção e à difusão de narrativas construídas por comunidades para transmitir suas experiências, histórias e projetos.



QUEM

Múltiplos atores estão envolvidos no contar histórias:

- Organizações locais, que podem oferecer espaços seguros para contar e compartilhar histórias.
- Qualquer membro de uma comunidade pode ser envolvido no reunir e apresentar histórias de sua vida cotidiana; uma ressalva, porém, é a de dar atenção ao contexto cultural, uma vez que diferentes culturas têm formas diferentes de lidar com a abertura de informação pessoal.



PARA QUÊ

Iniciativas de desenvolvimento social de base utilizam o contar de histórias com múltiplas finalidades:

- Para aumentar a autoestima.
- Para transmitir lições.
- Para provocar discussões sobre questões delicadas e relevantes para a comunidade, como decisões que devem ser tomadas quanto à habitação, ou à revitalização da comunidade, por exemplo.
- Para transmitir às novas gerações a ideia de identidade nacional ou regional, assim como conhecimentos concretos.
- Para construir narrativas que transmitam orgulho, aspirações e futuros positivos.



COMO

Propostas de ação:

- *Produção de histórias.* Realize atividades durante as quais os participantes se envolvam na produção criativa de textos, músicas e expressões artísticas baseadas em imagens (desenhos, fotografias, vídeos), por meio dos quais possam contar suas próprias histórias, a história de sua comunidade, de mundos possíveis ou de realidades imaginadas. Ver Apoena.
- *Contar histórias dentro da comunidade.* Realize eventos que incluam o contar de histórias em espaços públicos e estabelecimentos como parques, centros comunitários ou bibliotecas. Esses eventos podem ser realizados de forma periódica, como no caso de grupos de leitura ou de eventos sazonais, tais como representações teatrais, exposições de desenhos infantis ou apresentações musicais. Outra possibilidade

Pausa para reflexão

Histórias e mitos podem ser utilizados para transmitir representações negativas sobre grupos sociais. Ao utilizar o contar de histórias como ferramenta é importante perguntar aos participantes o que desejam tornar visível e as razões para isso. Quando a história mostra problemas da comunidade ou crítica o que outras pessoas fazem, uma boa prática consiste em solicitar alternativas, para explorar o potencial de mudança na comunidade.



é realizar eventos temáticos que se concentrem, por exemplo, em cultura de paz, no sucesso acadêmico ou em objetivos alcançados coletivamente pela comunidade.

- **Contar histórias fora da comunidade.** Desenvolva ações e parcerias que levem a história da comunidade para o mundo exterior. Tais ações incluem:
 - Disponibilização de espaços físicos adequados na cidade, nos quais as narrativas da periferia – por exemplo, apresentações artísticas e exposições – possam ser compartilhadas por um público mais amplo.
 - Envolvimento com estratégias de *marketing* para divulgar histórias sobre quem são e o que estão fazendo. Considerar possibilidades como programas de rádio, de televisão, publicações e mídias sociais.
- **Eventos de premiação.** Forneça espaços para cerimônias de premiação e concursos, nos quais é destacada uma narrativa comunitária específica. Por exemplo, instituições comunitárias podem querer condecorar uma pessoa por determinada ação realizada, ou por um serviço prestado à comunidade, ou talvez queiram realizar concursos sobre alguma coisa que seja atraente ou relevante em um determinado contexto. O foco em determinados eventos e não em outros, permite à comunidade expressar sua narrativa particular.
- **Memória social.** Trabalhe com fatos históricos, movimentos culturais e tradições transmitidas, por meio de manifestações artísticas. Esses elementos também podem estar associados às ações mencionadas anteriormente.

Contar histórias

O *contar histórias* é uma forma de compartilhar e aprender ideias, valores e práticas. Quem conta histórias lembra partes de sua vida e da vida de outras pessoas; quem ouve pode se identificar com a história e recontá-la, acrescentando se desejar um pouco da sua própria experiência. Desse modo, as histórias juntam as pessoas, permitem ligar o passado que é contado com o presente e o futuro, e ajudam a conectar as pessoas em torno de sentimentos, informações e experiências compartilhadas.

CHECKLIST: USANDO O CONTAR HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Produzindo uma história

As questões a seguir podem ser discutidas para guiar as atividades de produção de histórias:

- Pense sobre os principais personagens da sua história e por que você os incluiu.
- Considere as vantagens e as desvantagens de incluir você mesmo na história.
- Identifique o evento que determina o que “acontece” com os personagens da sua história, e discuta por que esse evento é importante para a vida dos personagens e para a sua comunidade.
- Pergunte a si mesmo de que forma a história reflete sua própria vida e/ou a realidade da sua comunidade.
- Reflita sobre de que formas a sua história pode oferecer uma alternativa para o atual estado das coisas. Por exemplo: você consegue pensar sobre o que os personagens precisam fazer para chegar a um final positivo na história ou para o futuro? A sugestão é perguntar “e se?” e ver aonde a sua resposta o leva.
- Pergunte a si mesmo o que você deseja que as pessoas pensem após ouvir ou ler a sua história. Como você pode alcançar esse objetivo?

Contando histórias

As questões a seguir podem ser discutidas quando da realização de atividades visando a divulgação de histórias:

- Local.* Elabore uma lista de todos os lugares em que você poderia contar ao público sobre a estória que você elaborou. Alguns exemplos:
 - o Centro comunitário.
 - o Ruas, que são úteis para apresentações teatrais e outros tipos de artes performáticas.
 - o Espaços compartilhados, como parques ou praças.

Questione-se sobre qual seria o lugar ideal para transmitir a sua história e, caso este não esteja disponível, considere a possibilidade de insistir para utilizar esse espaço de uso comum.

- Materiais.* Considere os recursos necessários para contar a sua história. Estes não precisam ser complexos, e você pode começar com materiais que tiver em casa como por exemplo: lápis, papel, canetas para colorir, instrumentos musicais produzidos de material reciclado.
- Promoção.* Questione-se sobre a razão pela qual as pessoas precisam conhecer a sua história ou a história que você deseja contar.
- Medidas para acompanhamento.* Reflita sobre as possibilidades de ampliar ainda mais o exercício de contar histórias, agindo sobre os motivos que você identificou para divulgar a sua história. Por exemplo: se você e um grupo de outros jovens estão apresentando uma peça de teatro de rua que contém uma mensagem sobre higiene na preparação de alimentos, pode ser útil, posteriormente, criar um grupo de discussão para verificar os efeitos que a sua apresentação teve sobre a comunidade.



Oficina sobre contar histórias

CONTAR HISTÓRIAS

Objetivos:

- Fazer com que os participantes compreendam o uso da narrativa como meio de comunicação.
- Utilizar uma história da vida cotidiana para refletir sobre como o contar de histórias pode trazer benefícios para as pessoas na comunidade.

Duração: 1 hora

Materiais:

Fotos com pessoas e eventos comunitários / Folhas grandes de papel / Canetas hidrográficas / Caderno e caneta para anotações

O que vamos fazer?

1. Ler a definição de contar histórias na página 48 e responder às questões a seguir. Um participante (secretário) realizará as anotações: **(20 minutos)**
 - a. Com que tipo de histórias você aprende mais? Por quê?
 - b. Por que você acha que uma pessoa conta histórias de sua própria vida?
 - c. No dia a dia, onde podemos ouvir ou ver histórias? (Dica: nas novelas, por exemplo).
 - d. Por que contamos histórias para crianças?
 - e. O que podemos transmitir por meio de histórias?
2. O grupo recebe de três a quatro fotografias de pessoas diferentes. Em pares, imagine pequenas histórias que aconteceram na vida dessas pessoas no dia em que as fotos foram tiradas. Você pode escrever nas folhas grandes de papel. As histórias terão um dos objetivos escolhidos entre os escritos abaixo: **(25 minutos)**
 - Convencer crianças de que elas devem estudar.
 - Aconselhar um jovem de 16 anos de idade, que está tendo problemas com drogas e que você conhece desde pequeno.
 - Estimular uma menina de 12 anos de idade que gostaria de estudar engenharia, mas que não vai nem tentar, porque acha que isso é algo impossível para uma pessoa de sua comunidade.
 - Contar a história da sua comunidade para uma criança, de modo que ela conheça os eventos mais importantes do passado.
3. O grupo discute as questões a seguir, que não têm uma resposta única e correta, e que serão utilizadas para reflexão: **(15 minutos)**
 - a. Você acha que uma história pode ajudar a convencer alguém? Por quê?
 - b. De que formas as histórias podem aumentar o poder das pessoas?
 - c. Na sua opinião, por que é importante preservar a nossa história por meio de narrativas, como contos, casos e testemunhos?





As artes

Esta ferramenta baseia-se no capital cultural das comunidades e em suas múltiplas formas de expressão artística e criativa. Por meio das artes, indivíduos e comunidades usam a imaginação como recurso para o desenvolvimento individual e social.

A QUE SE REFERE

As *artes* estão relacionadas com a expressão criativa, com o uso da imaginação, bem como com a cultura e a vida cotidiana de uma comunidade. Indo além da ideia da cultura erudita e do indivíduo com talento artístico, as artes englobam o erudito e o popular. Qualquer pessoa pode se manifestar por meio das artes, uma vez que elas envolvem expressão, conexão e diversão – todas dimensões importantes para o desenvolvimento social. As artes:

- Oferecem uma plataforma para que indivíduos e comunidades possam *se expressar*, compreender quem são e imaginar o que desejam ser.
- Conectam indivíduos à sua comunidade, assim como a comunidades diferentes: fazer parte de um coletivo artístico permite que o Eu se conecte ao grupo, unindo as pessoas por meio do contar de histórias. Ao mesmo tempo permite a elaboração e produção de objetos estéticos, que atraem o público e conectam as pessoas através de geografias, posições sociais e tempos.
- Envolvem beleza, prazer e a experiência que os psicólogos denominam “fluir”: estar completamente absorvido e concentrado na ação. O prazer do “fazer” empodera, faz bem a saúde, e amplia a imaginação.

O desenvolvimento social de base expõe a arte produzida no âmbito comunitário, revelando seus padrões estéticos e preferências, bem como aquilo que consideram relevante em termos culturais. Ao mesmo tempo, ele mobiliza a cultura erudita e a envolve em comunidades historicamente distantes desse tipo de produção.

Estudos científicos documentaram os benefícios da arte comunitária em termos sociais, econômicos, educacionais e de saúde (DAYKIN et al., 2008; NEWMAN, CURTIS, STEPHENS, 2003). Pesquisas recentes sugerem que intervenções artísticas, incluindo as artes plásticas e o artesanato, humanizam as mudanças sociais, ao conectar as pessoas à sua cultura (CLAMMER, 2014).



POR QUE É IMPORTANTE

O uso das artes como ferramenta amplia as ações de desenvolvimento social de base para dimensões da experiência humana que vão além do atendimento das necessidades básicas. As artes estimulam a imaginação, um bem psicossocial que cicatriza e protege o Eu em contextos adversos,

AS ARTES: O QUE PODEMOS FAZER NA COMUNIDADE?

O quê

- Um grupo de mulheres que são vizinhas se reúne para bordar um grande painel sobre um tema importante para elas. Por exemplo: um painel sobre a história da comunidade.
- Um grupo de jovens se encontra para participar de atividades de escrita criativa, compartilhando livros, lendo um para o outro e produzindo poemas que, mais tarde, podem ser lidos ou publicados nas mídias sociais.
- Um grupo de percussionistas se encontra na quadra de futebol local para tocar tambores e ensinar outras pessoas a reciclar materiais para fabricar instrumentos.

Onde

Essas atividades podem ser realizadas nas casas, nas escolas, nas praças públicas e nos centros comunitários.

Quando

É aconselhável estabelecer uma rotina e ser consistente, de modo que as pessoas saibam que a atividade vai acontecer, e que se elas não comparecerem uma vez, podem voltar e recuperar o atraso. Por exemplo: reuniões realizadas todas as semanas ou a cada quinzena, e de preferência no mesmo local.

Por quê

Para incentivar os membros da comunidade a refletir e descobrir o que podem fazer para realizar seu potencial criativo, as competências que tem e que podem desenvolver e, em última instância, aproximar as pessoas para ampliar suas redes, suas oportunidades de lazer e experiências.

A considerar

- Antes de iniciar, verifique se existem iniciativas semelhantes na comunidade.
- Providencie matérias-primas e pense em possíveis patrocinadores.
- Pense em artistas e artesãos profissionais que estariam interessados em oferecer uma sessão ou uma aula magna para o grupo.
- Avalie se o grupo pode se desenvolver em direção a um programa de capacitação profissional e de geração de renda.

abrindo a mente para alternativas, sonhos e aspirações. Nesse caso, o objetivo não é apenas sobreviver, mas viver e viver bem, promovendo ações que desenvolvam o pleno potencial do indivíduo.

AS ARTES: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

Manifestações artísticas permeiam a maioria das iniciativas de desenvolvimento social implementadas nas favelas. Por meio das artes, as organizações da favela desenvolvem culturas de celebração e prazer que se contrapõem a experiências de sofrimento, conquistando a comunidade e a cidade e criando empatia entre públicos diferentes. Exemplos destas manifestações se encontram nas páginas 56 e 57.

As artes em ação



DO QUE SE TRATA

As artes se utilizam da cultura e da imaginação para expressar identidades individuais e coletivas, estabelecer conexões dentro e fora de uma comunidade, oferecer oportunidades para a produção de objetos estéticos e úteis, bem como para desenvolver cenários e realidades alternativas.



QUEM

As artes podem envolver e juntar múltiplos atores:

- Moradores da comunidade que fazem parte de grupos artísticos ou que estão aprendendo uma atividade artística.
- Artistas e produtores culturais, envolvidos com treinamento, produção e apresentações artísticas na comunidade.
- Patrocinadores e parceiros externos, que apoiam as atividades artísticas e parcerias da comunidade.
- Organizações multilaterais, que apoiam e divulgam as expressões artísticas das comunidades.



PARA QUÊ

As artes são úteis como ferramentas para:

- Possibilitar a autoexpressão, a elaboração de traumas.
- Construir habilidades e desenvolver competências.
- Promover experiências estéticas e prazerosas, para contrapor estereótipos e sofrimento.
- Construir vias de comunicação para reduzir diferenças, por meio da experiência artística compartilhada.
- Imaginar realidades alternativas, e construir sonhos e aspirações que possibilitem mudanças na vida pessoal e na esfera pública.



COMO

Propostas de ação:

- *Identificar a arte e a cultura da comunidade.* Identifique os recursos culturais da comunidade e utilize-os para criar grupos artísticos ou que tenham um interesse comum, que se reúnem para exercer uma atividade criativa ou para desfrutar dela.
- *Capacitar e profissionalizar.* Considere oficinas e outras possibilidades para desenvolver e aprimorar as competências e as habilidades relacionadas com as artes: tocar um instrumento, escrever, produzir artesanato tradicional.
- *Construir parcerias e patrocínio.* Convide artistas conhecidos e comprometidos com a mudança social para que trabalhem com você na comunidade; busque o apoio de organizações artísticas para levar oficinas e capacitação para a comunidade e, por fim, envolva os setores público e privado em patrocínios.
- *Ligar a expressão artística a questões sociais mais amplas.* Estimule os vínculos entre as atividades artísticas e as questões e práticas sociais que promovam a participação, a ação e a expansão de redes. Por exemplo: um grupo que trabalha com artesanato, como a pintura em objetos de cerâmica, pode focar também a promoção de creches, ou apresentar uma proposta para um projeto de geração de renda.

Figura 3

Bordado realizado pela Apoena Fashion, um coletivo de mulheres em Brasília: “E o bonito desta vida é poder costurar sonhos, bordar histórias e desatar os nós dos dias”



Grupos artísticos do AfroReggae

Uma seleção de iniciativas artísticas do AfroReggae inclui:

Afrolata, “a arte que nasceu do lixo” é um grupo de meninos percussionistas criado dentro da favela. Eles usam materiais descartáveis e um descartados, e reciclam latas, que utilizam para sua expressão artística. O trabalho do grupo baseia-se nos ritmos e nas batidas da vida da favela, buscando dar visibilidade ao seu potencial e à sua cultura. Com seu grito de guerra – “Eu sou favela” –, esses jovens, que são na sua maioria negros, tocam tambores, dançam e cantam suas próprias histórias e preocupações.

AfroCirco. Esta iniciativa surgiu da parceria entre o AfroReggae e o Cirque du Soleil. Membros da comunidade recebem treinamento em balé clássico, percussão e acrobacias, e já imprimiram uma abordagem própria e diferente nas atividades circenses. Apresentam-se no Brasil e no exterior, oferecendo aos moradores de favelas oportunidades para ampliar as redes e cruzar fronteiras.

Orquestra Sinfônica AfroReggae é uma orquestra musical completa, com grande variedade de instrumentos e repertórios. Esta iniciativa leva a música clássica para as favelas e rompe o estereótipo de que os moradores de favelas não são capazes de se envolver com a arte erudita. O projeto obteve grande sucesso ao colocar crianças e jovens em contato com instrumentos como violino e violoncelo, o que demonstra os benefícios da música clássica em um contexto não convencional. Além disso, permitiu que artistas fossem à favela para dar aulas e realizar oficinas sobre postura, respiração e outras técnicas que apoiam o trabalho em uma orquestra. Sob o comando de Guilherme Carvalho, maestro e ativista social, a comunidade se envolveu em parcerias com o governo e com organizações multilaterais, como a UNESCO.





Rap, break e artesanato: como a CUFA usa as artes

Usando a cultura como seu principal meio, a CUFA trabalha com cidadania, habilidades e geração de renda. Seu portfólio de atividades inclui oficinas sobre fotografia, cinema, moda, dança e música. Além disso, o trabalho da CUFA baseia-se no artesanato tradicional associado a materiais reciclados. Exemplos:

Projeto Rapensando: este projeto baseia-se na presença da *rap* na comunidade, e busca estimular a reflexão, a criação de rotinas, de atividades e redes de amigos, bem como acesso ao mercado de trabalho. De acordo com a CUFA, o *Rapensando* visa a repensar o papel dos jovens na sociedade, utilizando os recursos de sua própria cultura e oferecendo a eles um espaço definido onde possam se expressar, realizar exercícios físicos e encontrar pessoas. O projeto é patrocinado pela Petrobras e oferece um bom exemplo de como as artes, associadas a parcerias, podem criar ferramentas de desenvolvimento individual e social.

Oficinas de *break* são semelhantes às de *rap* e, normalmente, ocorrem de forma simultânea. Com o *break*, a CUFA promove uma importante manifestação cultural proveniente das periferias e, ao mesmo tempo, coloca jovens moradores de favelas no caminho do desenvolvimento profissional. O *break* oferece uma incursão ao mundo da dança profissional, o que é valorizado e tem muita demanda no Brasil.

Oficinas de artesanato: a CUFA utiliza a criatividade da comunidade para desenvolver habilidades, reciclar materiais, oferecer ocupação e mudança social, assim como geração de renda. Nesses espaços, os membros da comunidade se mantêm ocupados e produtivos, bem como desenvolvem habilidades cognitivas, como concentração, foco e atenção a detalhes. Eles usam a imaginação para visualizar o produto final, adquirir habilidades de gestão de projetos, reciclar e comercializar seus produtos, sempre em parceria com o governo local e com patrocinadores.



Oficina sobre as artes

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NA COMUNIDADE

Objetivos:

- Identificar expressões artísticas na sua comunidade.
- Refletir sobre o seu uso com objetivos de desenvolvimento social.

Duração: 50 minutos

Materiais:

Guia de instruções / Folhas grandes de papel / Canetas hidrográficas

O que vamos fazer?

1. O grupo elabora duas listas relacionadas a atividades artísticas, que não precisam ser artes plásticas, mas quaisquer tipos de atividades que relacionem a comunidade com sua cultura. Um participante (secretário) realizará anotações de todos os exemplos mencionados. **(20 minutos)**
 - a. Atividades por meio das quais os membros da comunidade expressam individualmente sua criatividade (sugestão: alguns exemplos são pinturas pessoais, decoração de um espaço da casa e bordados).
 - b. Atividades por meio das quais os membros da comunidade expressam a sua criatividade em grupo (sugestão: desde que sejam praticadas em grupos, podem fazer parte da lista todos os exemplos acima, bem como tricotar ou tirar fotos da comunidade e para a comunidade).
2. A seguir, o grupo faz um balanço dos benefícios e dos desafios associados a cada atividade. Por exemplo, identificar: **(25 minutos)**

Atividade: Uma prática relativamente comum realizada em família é o *bordado*.

Benefícios:

- Coloca em contato mulheres que ensinam e aprendem a arte.
- Requer concentração, o que desvia a atenção das preocupações cotidianas.
- O bordado pode representar um episódio importante ou contar uma história da comunidade.
- Uma vez terminado, o bordado pode produzir um sentimento de realização em meio às pessoas que participaram da atividade.
- O bordado pode embelezar objetos do dia a dia, como panos de cozinha, almofadas e lenços, agregando beleza à vida cotidiana.
- O bordado também pode ser comercializado e, desse modo, complementar a renda ou mesmo ser a principal fonte de renda.

Desafios:

- O bordado exige uma matéria-prima que pode ser cara para pessoas que não têm renda.
- Executar o trabalho pode ser um desafio para pessoas com problemas de visão.
- Uma vez comercializado, o bordado pode se tornar uma obrigação, e deixar de ser uma atividade prazerosa.

3. Discutir com o grupo: **(5 minutos)**

As atividades discutidas acima têm potencial para se tornar projetos de desenvolvimento para a sua comunidade? Em caso positivo, o que seria necessário para isso?



BRASIL 500 ANOS

Caixa de ferramentas 4

Travessias

As ações de travessia e flexibilização de fronteiras urbanas são mais uma das inovações do desenvolvimento social de base criado em favelas. As organizações de base desses territórios desafiam barreiras e criam ferramentas que abrem fronteiras e aumentam o contato entre grupos. Esta caixa de ferramentas pode ser adaptada a qualquer tipo de fronteira, seja ela física ou simbólica, e é especialmente relevante para se trabalhar com comunidades expostas a conflitos.



**Abrindo fronteiras
e parcerias**

Contato e diálogo

Cidadania

Abrindo fronteiras e parcerias

Esta ferramenta auxilia indivíduos e comunidades a mover-se entre lugares, grupos e situações que estão geralmente distantes e afastados uns dos outros e a colaborar com atores, instituições e organizações fora da comunidade.

A QUE SE REFERE

Quando desenhamos o mapa de uma cidade estabelecemos onde começa e onde termina o território de um bairro, as linhas que representam as fronteiras ou os limites de uma comunidade. As fronteiras internas de uma cidade influenciam o desenvolvimento pessoal e comunitário. Por exemplo, comunidades com fronteiras mais abertas permitem a seus moradores um maior acesso a redes e conexões, bem como atividades de lazer, tais como atividades na praia ou em parques. As fronteiras mais abertas estimulam a circulação mais livre de pessoas, de ideias e mesmo de informações.

O direito de ir e vir é um elemento central do direito à cidade (HARVEY, 2003). A pesquisa sobre as sociabilidades subterrâneas constatou que os moradores de favelas têm clara consciência sobre as barreiras materiais e simbólicas que os separam da cidade como um todo (JOVCHELOVITCH; PRIEGO-HERNANDEZ, 2013). A flexibilidade dessas barreiras pode ser maior ou menor, dependendo de uma série de fatores:

- A diversidade das instituições presentes na comunidade.
- A localização geográfica das comunidades na cidade.
- A presença de conectores urbanos físicos que criam elos com a cidade.
- Oportunidades de lazer.
- As representações que existem sobre a comunidade e os principais eventos históricos que a definem no imaginário da cidade.

Atuar em fronteiras requer lidar com todos os aspectos acima, e uma das formas pelas quais isso ocorre é pelo estabelecimento de parcerias. A colaboração entre diferentes atores e organizações, dentro e fora da comunidade, estimula o movimento de pessoas e a expansão de redes, com consequências positivas no âmbito individual e comunitário. Os benefícios desse processo incluem mais oportunidades de mobilidade social e geográfica.

POR QUE É IMPORTANTE

A abertura de fronteiras contribui para ampliar experiências pessoais, para recuperar territórios excluídos, e para restituir a comunidades o direito ao território total da cidade em que vivem. Quanto mais abertas são as fronteiras de uma comunidade e as parcerias com outras partes da cidade, maiores serão as redes disponíveis. Flexibilizar fronteiras e possibilitar trocas com a



Cartografias psicossociais

O conceito de *cartografias psicossociais* combina uma perspectiva psicológica e geográfica para expressar como o mundo vivido de uma comunidade compreende territórios que são tanto espaciais quanto psicossociais. O conceito provém do trabalho da psicóloga social brasileira Sueli Rolnik, inspirado principalmente na obra de Deleuze e Guattari (2004). O conceito se refere a linguagens e padrões comportamentais que definem determinadas paisagens, necessitando entendimento e análise cuidadosa. Ele é utilizado para descrever um espaço ou um território na sua totalidade subjetiva e objetiva:

- A forma como o território usa a língua e constrói suas linguagens.
- As representações sociais e práticas que existem sobre o território.
- Os investimentos emocionais sobre o território, o sentimento de pertença e o apego ao território.
- Os padrões comportamentais que são frequentes dentro do território.
- Os modos de relação dentro e fora das fronteiras do território.
- A materialidade geográfica, onde o território está localizado, e como ele demarca as fronteiras e as travessias em relação a espaços maiores e a territórios mais amplos.



cidade como um todo são ações que contribuem para o desenvolvimento da cidadania, conectando sociedades divididas e prevenindo a formação de áreas urbanas inacessíveis devido ao preconceito, medo ou exclusão.



ABRINDO FRONTEIRAS E PARCERIAS: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

- As fronteiras rígidas são um elemento central da vida nas favelas, e parte do imaginário da cidade como um todo. Por exemplo, no Rio de Janeiro a maior parte das pessoas entende a expressão “morro/asfalto”, que se refere à divisão entre mundos diferentes vivendo lado a lado na cidade.
- O estigma e as representações negativas da vida nas favelas atuam como uma barreira entre as pessoas, afetando a vida pessoal, a autoestima e a própria identidade da comunidade. As pessoas vivenciam a discriminação diariamente, quando atravessam a fronteira para a cidade mais ampla. Por exemplo: declarar um endereço em uma favela pode reduzir as chances de se conseguir um emprego.
- As organizações de base se contrapõem a rigidez das fronteiras, construindo conexões e parcerias urbanas que levam os moradores das favelas para a cidade e trazem a cidade para dentro das favelas.



Parcerias

As ações e as parcerias das organizações de base das favelas com o Estado, com a mídia e com o setor privado, são teorizadas como arriscadas, mas no geral são consideradas positivas, em especial porque permitem trazer vitalidade e inovação a todos os envolvidos. No contexto do desenvolvimento econômico brasileiro, esse é particularmente o caso, uma vez que o setor privado está redescobrendo tanto o mercado representado pelas populações das favelas, como a necessidade de desenvolver políticas de responsabilidade corporativa. Existe uma economia da favela, da mesma forma que existe a necessidade de uma governança que leve em consideração as favelas; o que está acontecendo e sendo aperfeiçoado por meio de um diálogo entre as várias partes interessadas envolvidas no processo.

A intervenção das organizações de base estabelece pontes e constrói mediações importantes entre as comunidades da favela e a esfera pública mais ampla. Essas organizações utilizam uma combinação de parcerias que inovam e desafiam, por meio do uso efetivo de meios de comunicação de massa e da intervenção política na esfera pública. Essas novas travessias na cidade ampliam as redes sociais e as plataformas de identificação que estão disponíveis para os residentes da favela, introduzindo novas possibilidades para o pensamento, para a ação e para as identidades dessas populações. Ao mesmo tempo, essas travessias provocam representações positivas das favelas na sociedade e incluem o Estado e o setor privado em um processo colaborativo.

Figura 4
O Viaduto



O Viaduto

O Viaduto é um bom exemplo de um conector urbano, que liga a comunidade de Madureira à outras partes da cidade do Rio de Janeiro. Esse espaço foi recuperado pela CUFA, por meio de parcerias com os setores público e privado. De uma área a ser evitada, ocupada por traficantes e usuários de drogas, transformou-se em um amplo espaço de encontro, aberto à comunidade e à toda cidade. Nela, a CUFA desenvolve uma ampla variedade de atividades e oficinas que atraem pessoas de diversos bairros. Oficinas de skate, por exemplo, são utilizadas para ensinar competências relacionadas à cidadania, envolvendo jovens na reflexão sobre o motivo pelo qual espaços coletivos devem ser respeitados e preservados, e simultaneamente permitindo o exercício do direito a cidade.

O Viaduto passou a ser um recurso material e simbólico para a própria comunidade, uma ponte de acesso a recursos externos, que convida outras pessoas a visitá-la e desfrutar do que oferece. Além disso, o Viaduto oferece oportunidades de lazer, é parte de uma das diversas instituições dessa comunidade (CUFA), e contribui para formar representações positivas da população das favelas, revelando-as como inovadora e sociável.

Praça Tropicalismo no Centro Cultural Waly Salomão

Esta iniciativa visa a “prover um programa diversificado, aberto a toda a cidade, oferecendo eventos que incluem todas as classes sociais em um espaço público destinado a educação, cultura e lazer por meio de dança, teatro, música e cinema”. Esse espaço é concebido para expressar a visão desenvolvida por José Junior, líder do AfroReggae, em seu livro “Da favela para o mundo”.

A Praça Tropicalismo é um importante conector urbano, que levou à comunidade artistas como Madonna e Caetano Veloso, que contribuíram para desafiar representações negativas sobre os moradores de favela. A presença desses artistas, bem como a presença de um público mais amplo e de múltiplos patrocinadores e parceiros, criou uma nova narrativa, construída e relatada na favela em diálogo com a cidade. Ao mesmo tempo, a Praça oferece aos moradores oportunidades de lazer agradáveis e estimulantes, dentro da própria comunidade.

Figura 5
Dinâmica
psicossocial das
fronteiras urbanas



Abrindo fronteiras e parcerias em ação



DO QUE SE TRATA

Abrindo fronteiras e parcerias são ferramentas que trabalham as linhas que separam um lugar de outro, ampliando o movimento de pessoas, informações ou coisas. Se a fronteira de uma comunidade é aberta, ela permite a circulação de moradores e visitantes. Dependendo das características de uma comunidade (por exemplo, se ela tem serviços, onde está localizada etc.), suas fronteiras podem ser mais ou menos abertas. O abrir de fronteiras aumenta as oportunidades de cruzar barreiras físicas ou imaginadas entre as comunidades e a cidade como um todo. Quanto mais aberta for uma fronteira, maiores serão as oportunidades para o desenvolvimento pessoal e para que a comunidade tenha impacto fora de seus próprios limites.



QUEM

- Todos os membros da comunidade, por meio da ação de organizações locais.
- Instituições e agentes externos aliados, interessados na causa da comunidade, que atuam como parceiros para abrir e cruzar fronteiras em direção à comunidade.
- Empresas e organizações do setor privado com uma agenda de responsabilidade social corporativa.



PARA QUÊ

- Integrar comunidades e construir elos de comunicação na cidade.
- Dar visibilidade a comunidades segregadas e convidar a sociedade como um todo a entrar em comunidades normalmente evitadas.
- Produzir mudanças em biografias individuais, por meio da expansão de conhecimentos e recursos emocionais que atingem indivíduos de todas as partes da cidade.
- Modificar a qualidade dos espaços públicos, de forma que as pessoas possam utilizá-los e circular livremente pela cidade.



COMO

A abertura de fronteiras demanda um esforço conjunto no sentido de desafiar uma série de fatores que podem ser abordados por meio das seguintes Propostas de ação:

- *Diversificar instituições.* Faça um balanço de todas as instituições da comunidade (ver O contexto). A seguir, negocie com as autoridades e organize a comunidade para ampliar a diversidade de suas instituições. Por exemplo: considere quais são os passos necessários para solicitar um programa de “escolas abertas” para

depois do horário escolar ou revitalizar as igrejas locais por meio de mais atividades etc. Essas tarefas demandam o envolvimento de toda a comunidade.

- *Desenvolver ações positivas no local da sua comunidade.* A localização física de uma comunidade não pode ser modificada. No entanto, os membros de uma comunidade podem alocar recursos internos para extrair o máximo daquilo de que dispõem, bem como estimular outras pessoas a se juntar a eles. Exemplos disso são a Praça Tropicalismo, em Vigário Geral, e o Viaduto, em Madureira.
- *Criar conectores urbanos.* Trabalhe para reabilitar os espaços não utilizados ou deteriorados no entorno da comunidade. Parques, praças e paradas de ônibus são alguns exemplos de áreas que podem ser revitalizadas por meio de mutirões e ações narrativas criativas – por exemplo, utilizando o grafite.
- *Criar oportunidades de lazer.* Verifique as oportunidades de lazer que crianças e jovens dispõem na sua comunidade. Discuta os caminhos possíveis pelos quais a comunidade pode reunir recursos e produzir mais oportunidades de lazer. Alguns exemplos são grupos de tricô, corais e clubes de livros, ainda que estes possam exigir recursos financeiros para a compra de materiais.
- *Desafiar representações.* Utilize ferramentas como contar histórias, contatos e parcerias (ver exercício abaixo) para desafiar a imagem que a comunidade tem na cidade como um todo.

Discussão: Abrindo fronteiras

Os itens a seguir podem ser utilizados como estímulos para o planejamento e a decisão sobre ações para abrir fronteiras:

- Considere de que modo as instituições na sua comunidade contribuem para abrir fronteiras ou colocam obstáculos a essa ação.
- Discuta de que forma as pessoas “representam” a sua comunidade – isto é, encontre exemplos do que as pessoas dizem quando falam sobre sua comunidade. Considere o que vem à mente: qual é a primeira coisa que todos sabem e pensam sobre essa comunidade? O que determina a imagem que tal comunidade passa para a cidade como um todo? Reflita sobre o que a comunidade vem realizando para desafiar os aspectos negativos dessas representações ou atuar sobre eles.
- De que modo a localização da comunidade afeta seus moradores? O que ocorre com os moradores quando uma comunidade é muito isolada?
- Na sua avaliação, de que forma os itens acima afetam as pessoas, dentro e fora da comunidade? O que pode ser feito para modificar essa percepção?

MODELO PARA DISCUSSÃO DE PARCERIAS

A ser adaptado para utilização em reuniões da comunidade ou para reflexão em grupos de líderes. É preciso dar atenção especial aos benefícios que as ações da comunidade trariam para a vida e para a autoestima de cada morador.

Questão/problema da comunidade

De quais recursos nós dispomos para resolver o problema? Quais membros da comunidade seriam diretamente beneficiados?

Quem estaria interessado em patrocinar/fazer parceria conosco? O que eles ganhariam com isso?

Exemplo 1. Um parque precisa de reforma para ser utilizado com segurança.

A comunidade pode organizar um mutirão. As crianças e os jovens serão imediatamente beneficiados, e todos os membros poderão utilizar as novas instalações.

Empresas do setor privado que vendem material de construção: eles poderiam ganhar espaço para publicidade. O governo poderia oferecer assistência técnica especializada e patrocínio.

Exemplo 2. Alta proporção de jovens fora da escola e sem emprego.

Toda comunidade tem recursos. Por exemplo, jovens, que são força de trabalho (com ou sem qualificação) poderiam ser diretamente beneficiados por um programa de estágio fora da comunidade. O primeiro passo seria agrupar os jovens conforme as habilidades que têm a oferecer.

Empresas do setor privado, incluindo indústria e serviços, seriam beneficiadas com a contratação de aprendizes jovens, que podem trabalhar por um salário inicial e como mão de obra qualificada no futuro (lembre-se de verificar as leis nacionais a esse respeito). Organizações do terceiro setor, situadas fora da comunidade, podem oferecer a estagiários oportunidades de trabalho. Esses jovens, por sua vez, seriam diretamente beneficiados, ao receber qualificação em troca do pagamento de despesas de transporte e vale-refeição.

Suas anotações

.....
.....
.....





Oficina sobre fronteiras

ANÁLISE DAS FRONTEIRAS

Objetivos:

- Por meio de fotografias, identificar os elementos que constituem uma comunidade.
- Analisar a situação de duas comunidades em termos de serviços, instituições e representações.
- Comparar as fronteiras das duas comunidades.

Duração: 40 minutos

Materiais:

Fotografias com diversos elementos de uma comunidade / Uma folha grande de papel / Canetas hidrográficas / Caderno e caneta para anotações

Nota: esta atividade pressupõe que haja participantes de, pelo menos, duas comunidades da cidade e que estejam familiarizados com elas.

O que vamos fazer?

1. Desenhar dois círculos grandes, um em cada folha de papel. Cada círculo vai representar uma comunidade.
2. Você tem 30 fotos com elementos que fazem parte da vida de uma comunidade. Escolha as fotos que, na sua opinião, correspondem a cada uma das comunidades, tentando colocar no centro do círculo os elementos mais importantes e, nas partes mais externas, os menos importantes. **(15 minutos)**
3. Agora, compare os desenhos e as ilustrações com a tabela na próxima página. Vamos refletir sobre as seguintes questões: **(15 minutos)**
 - a. Quais são as principais semelhanças entre as duas comunidades? E as diferenças?
 - b. Existem outros elementos que não estão nas fotos, mas que, na sua opinião, deveriam estar na representação de uma comunidade? Por quê?
4. Pensando sobre as comunidades que você desenhou, analise a tabela abaixo e reflita sobre as fronteiras, com ajuda das questões na coluna à direita. Com o grupo, discutam e apontem os indicadores que identificam em cada comunidade. **(10 minutos)**

Indicadores	Comunidade A	Comunidade B	Questões
<i>Instituições</i>			Qual comunidade tem instituições em maior número e com maior variedade?
<i>Localização na cidade</i>			Quais são as vantagens e as desvantagens de suas respectivas localizações?
<i>Conectores urbanos</i>			De que modo as comunidades se conectam com a cidade? Há conectores urbanos identificáveis?
<i>Representações sociais</i>			O que as pessoas pensam a respeito dos moradores da comunidade? Essas comunidades são associadas a símbolos culturais ou históricos?
<i>Lazer</i>			Atualmente, que espaços e oportunidades de lazer existem nas comunidades?
<i>Permeabilidade das fronteiras</i>			Você pode determinar a permeabilidade das fronteiras de cada comunidade?

Contato e diálogo

Esta ferramenta é utilizada para integrar diferentes grupos e manejar conflitos, que são condições presentes em muitas comunidades. Ela está fundamentada nos princípios de contato e diálogo para promover a comunicação e a resolução de conflitos, bem como para melhorar as relações sociais na comunidade.

A QUE SE REFERE

Quando as comunidades são separadas por diversas formas de barreiras, torna-se difícil superar as distâncias e se envolver com outras pessoas que têm experiências diferentes, convicções diferentes e vêm de lugares diferentes. As pessoas podem desenvolver atitudes e sentimentos muito negativos em relação aos outros e comportar-se de forma que, com o passar do tempo, os conflitos se agravam e se tornam difícil de resolver.

Para compreender e abordar esse tipo de problema, psicólogos sociais desenvolveram a “hipótese do contato”, que sugere que “reunir membros de grupos sociais opostos pode melhorar relações intergrupais e diminuir preconceitos e discriminação” (HOGG; VAUGHAN, 2007, p. 639). Quando essa ideia foi apresentada pela primeira vez, o psicólogo social Gordon Allport (1954, p. 261–282) sugeriu que são necessárias três condições para melhorar o contato entre grupos *em conflito*:

1. As pessoas envolvidas no contato devem ter *status* equivalente.
2. Devem estar empenhadas na busca de objetivos comuns que reflitam interesses compartilhados entre os dois grupos.
3. O processo deve ser promovido com o apoio de arranjos institucionais (por exemplo, leis ou regras básicas).

A pesquisa nesta área demonstra que as condições postuladas por Allport funcionam para reduzir preconceitos em uma diversidade de contextos e grupos, mas precisam ser associadas como um pacote unificado (PETTIGREW; TROPP, 2006).

Um dos requisitos importantes para a construção de contato positivo entre comunidades é a prática do *diálogo*. Paulo Freire, o influente educador brasileiro, definiu o diálogo como o encontro de pessoas que querem “nomear” o mundo em que vivem (FREIRE, 1996, p. 69). Ele também sugeriu que, para facilitar esse encontro, o diálogo deve se basear no contar de histórias. Para Freire, o objeto do diálogo deve ser a realidade que as pessoas querem transformar, para que possam falar e “nomear” o que está acontecendo, e discutir como modificá-la. O objetivo é um processo contínuo de humanização, por meio do qual as pessoas passem a ver a si mesmas como seres humanos, com seus próprios sentimentos, experiências e preocupações.

“

O diálogo requer o desejo de mudança e a compreensão de que, às vezes, a mudança é um processo doloroso

POR QUE É IMPORTANTE

Transformar conflitos e divisões sociais implica desafiar atitudes e comportamentos. Promover a união e facilitar o contato e interação entre lados opostos oferecem às pessoas a oportunidade de conversar e de estar juntas apesar das diferenças, o que contribui para desafiar estereótipos estabelecidos, ajudar as pessoas a se colocar gradualmente no lugar das outras e, com o passar do tempo, construir ações conjuntas. Essas experiências são a base da construção de uma cultura de paz.



CONTATO E DIÁLOGO: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

O contato e o diálogo fazem parte de atividades desenvolvidas dentro e fora da comunidade. Dentro da comunidade, as organizações de base fazem a mediação entre múltiplas instituições, como por exemplo entre o narcotráfico e grupos religiosos. Ao intervir para juntar pessoas e construir diálogo essas organizações, literalmente, salvam vidas. Fora da comunidade, elas trabalham com instituições como a polícia para construir um diálogo entre moradores e policiais. Fazendo uso de programas sociais, esportes, arte e educação, colocam as pessoas frente a frente para falar sobre conflitos, situações dolorosas e como fazer para progredir.

Dois programas sociais que envolvem policiais e moradores de favelas são exemplares desta ferramenta:



Papo de Resposta

Esta iniciativa é apresentada da seguinte forma na publicação “Que Papo é Esse?”:

**O Papo de Resposta nasceu
nas cabeças e nos corações
de gente cansada de guerra.**

**Gente que quer abaixar
as armas e levantar a voz.**

**Porque acredita que a violência
se supera com a palavra.**

**É uma conversa entre
todos nós, Polícia Civil,
AfroReggae, sociedade.**

**Eu e você. Um papo entre iguais,
gente do povo brasileiro.**

**Um papo de resposta, para
cada um fazer a sua parte.**

**Um papo de esperança, para
fazer o mundo mais igual**

O *Papo de Resposta* baseia-se principalmente em elementos de diálogo, mas também incorpora elementos da hipótese do contato, no sentido de que vê interlocutores como iguais e lhes oferece um espaço seguro para conversar, com o apoio institucional do AfroReggae, que atua como mediador. Um dos resultados produzidos conjuntamente por esse projeto é o bonito folheto “Papo de Resposta: que papo é esse? A essência do papo”, do qual foi extraído o poema acima.

Projeto Mão na Cabeça

Este é um Programa da CUFA em parceria com as UPPs, as Unidades de Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro. O título tem o intuito de fazer com que todos se apresentem “com as mãos na cabeça”, promovendo experiências e interações compartilhadas entre cidadãos e polícia.

O Programa reúne policiais e moradores de favelas em oficinas que enfocam o *rap*, o grafite, o basquete de rua e a comunicação audiovisual. Ele é centrado em interesses artísticos e culturais comuns, e artistas de destaque atuam como seus facilitadores. Apesar de décadas de conflitos, policiais e moradores de favelas normalmente têm *backgrounds* semelhantes, e essas oficinas se apoiam em aspectos comuns para promover o diálogo e a humanização mútua. Ambos os lados têm representantes na definição das ações, e as reuniões ocorrem na CUFA e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que oferecem campos neutros para a discussão.

Contato e diálogo em ação



DO QUE SE TRATA

Ações que facilitam o contato e o diálogo trabalham diferenças, de forma que as pessoas possam se encontrar e colaborar em condições de igualdade. Elas requerem apoio institucional e ação conjunta, que possibilitam a comunicação e o intercâmbio diretos e efetivos.



QUEM

- Todos os membros de uma comunidade podem participar de iniciativas de contato e diálogo.
- As comunidades e os grupos devem estar cientes de que a interação é desafiadora, e devem estar dispostos a interagir em condições de igualdade. A preservação de hierarquias de poder e/ou de *status* durante o contato impossibilita essas ações.
- Organizações locais, representantes de comunidades, entidades beneficentes e órgãos governamentais podem patrocinar e oferecer o apoio institucional necessário para que as comunidades se envolvam em ações de contato e diálogo.



PARA QUÊ

- Conhecer “o outro” (os grupos com os quais uma comunidade está em contato), quem é e o que defende, desde o seu ponto de vista.
- Desafiar as comunidades a aprender a escutar e reconhecer outros pontos de vista, mesmo que estes sejam radicalmente diferentes dos seus.
- Encontrar caminhos para resolver diferenças.
- Aceitar questões em que os pontos de vista de diferentes comunidades divergem e não podem ser resolvidos sem o uso da violência.





COMO

Propostas de ação:

- *Centros comunitários que permitam o contato entre diferentes grupos dentro da comunidade.* Promova a criação de espaços, nos quais pessoas que normalmente estariam separadas dentro da comunidade – por exemplo, pessoas de estratos sociais e/ou religiões diferentes, ou grupos em conflito aberto – se reúnam e discutam, organizem-se e atuem em questões de interesse comum; por exemplo: mobilizar-se para conseguir serviços de água ou eletricidade em sua comunidade. Exemplos de tais espaços são áreas abertas, bibliotecas e centros de lazer compartilhados.
- *Líderes comunitários para promover o diálogo.* Encoraje pessoas que normalmente representam as vozes de sua comunidade (automeadas ou indicadas por outros meios) a atuar como catalisadoras do diálogo, bem como a liderar iniciativas de contato com grupos em conflito. Líderes comunitários também podem representar suas comunidades em situações institucionais com grupos em conflito (ver a seguir).
- *Apoio institucional continuado ao processo de facilitação do contato e diálogo.* Crie programas que convidem formalmente grupos ou comunidades em conflito a entrar em contato e dialogar, e se possível, atue como mediador entre eles. Considere o conflito como um aspecto importante a ser abordado na vida da comunidade.
- *Estruturas institucionais para dar mobilidade a grupos comunitários.* Negocie arranjos governamentais oficiais que permitam que membros de grupos que normalmente não se encontram com outros grupos, articulem-se e/ou trabalhem em conjunto. Contar com membros da comunidade na interface de grupos conflitantes funciona bem em ações de contato e diálogo, e também em ações relacionadas à expansão de redes.

CHECKLIST: PARA FACILITAR O CONTATO

- O local das atividades é um espaço seguro, neutro, no qual as duas comunidades podem dialogar? Tenha em mente que a reunião de grupos em conflito não é fácil para os envolvidos. Um ambiente convidativo é aquele em que os participantes se sentem apoiados, e não julgados, em um território neutro.
- As atividades foram planejadas de forma que ocorra uma aproximação gradual? Por exemplo: antes de trabalhar juntas, as duas comunidades puderam se conhecer, envolver-se em conversas casuais em grupos etc.?
- Foram estabelecidas regras básicas e claramente definidas para o contato entre todos os participantes? Alguns pontos úteis a serem considerados:
 - A importância de rodízio para se expressar opiniões, de modo a permitir que todos se expressem, se assim desejarem.
 - A necessidade de levar em consideração as opiniões dos outros, ainda que em desacordo com elas.
 - A importância de não desqualificar opiniões alheias e/ou de não se manifestar de maneira ofensiva.
 - A necessidade de se ter disposição para mudança, e a compreensão de que a mudança, às vezes, pode ser um processo doloroso.
- Existem mecanismos para que os participantes se envolvam em objetivos de interesse comum? Algumas sugestões para abordar essas questões:
 - Por meio de discussões realizadas anteriormente ao evento, identificar atividades neutras (no sentido de que não beneficiariam um grupo em detrimento do outro) e os interesses dos participantes.
 - Com todos os participantes reunidos, fazer uma sessão de *brainstorming* sobre os motivos pelos quais a atividade beneficia a todos.
 - Pedir para que os participantes elaborem uma lista dos recursos disponíveis em cada grupo ou comunidade, e que podem ser utilizados na tarefa.
- Foram planejadas atividades de acompanhamento? Considere estas possibilidades:
 - Se a ação colaborativa tem resultados concretos (por exemplo: um folheto, criações artísticas ou a construção de um espaço comunitário), dê visibilidade a eles e os dissemine amplamente entre os membros de grupos que não participaram da atividade.
 - É importante usar os benefícios já conquistados para estabelecer novas atividades ou convidar representantes de ambos os grupos para novas iniciativas.



Oficina sobre contato

CONTATO POR MEIO DE LISTAS

Objetivos:

- Identificar as características do contato que produzem mudança social.
- Refletir sobre a situação atual da relação entre a sua comunidade e qualquer outros grupos ou comunidades em conflito. Refletir sobre o potencial de mudança.

Duração: 35 minutos

Materiais:

Folhas grandes de papel / Guia com instruções / Caderno e caneta para anotações

O que vamos fazer?

1. O grupo tem diversas folhas grandes de papel. Em uma delas, deve elaborar uma lista de todos os tipos de contato que os moradores da comunidade têm mantido com uma comunidade com a qual estiveram em conflito (no caso das favelas, um desses grupos foi a polícia). Pense em tudo o que acontece e escreva pelo menos dez exemplos.
(10 minutos)
2. Em outra folha de papel, elabore uma lista semelhante, mas, agora, referindo-se ao tipo de contato que seria ideal para resolver conflitos, ou o tipo de contato que você gostaria de manter com o outro grupo, e tente escrever pelo menos dez exemplos.
(10 minutos)
3. Agora, para cada tipo de contato na sua lista, escreva o que você pensa e sente, sua atitude e seus sentimentos: **(10 minutos)**
 - a. *Atitudes* – o que os moradores da sua comunidade pensam sobre a comunidade oponente, quando estão em contato com ela.
 - b. *Sentimentos* – o que os moradores da sua comunidade sentem em cada exemplo de contato (atual e desejado).
4. Agora, tente responder à seguinte questão: **(5 minutos)**
Como mudar o contato entre moradores da comunidade e grupos oponentes, da situação atual para o contato desejado?



Cidadania

Esta ferramenta diz respeito à construção da participação e a consciência de direitos e responsabilidades.

A QUE SE REFERE

Quando os membros de uma comunidade se organizam para discutir seus problemas e a forma como abordá-los, já estão exercendo a *cidadania*. O direito de associação e de reunião nem sempre é exercido, de modo que envolver as comunidades em organizações de desenvolvimento social de base, por si só, contribui para a cidadania. A cidadania também é uma estratégia de trabalho para *aumentar a consciência* sobre responsabilidades e direitos. Por exemplo: o entendimento de que todos têm o direito de ser tratados com dignidade pela polícia, ou de ter acesso a saúde e educação, está associado ao entendimento de que todos são responsáveis pelos espaços públicos e pelo pagamento de impostos.



Nunca é tarde demais para discutir questões de cidadania

Lazar caracteriza a *cidadania* como “capacidade para a ação política e pertencimento à comunidade política”, ao passo que o Estado responde às demandas da sociedade civil, tais como a *democracia* e a *justiça social e econômica* (LAZAR, 2012, p. 347). A cidadania diz respeito à participação em iniciativas promovidas pelo Estado e à mobilização comunitária, por meio de movimentos criados e desenvolvidos em âmbito local. A mobilização comunitária envolve uma forma mais ativa de cidadania, uma vez que através delas cidadãos podem expressar demandas ao Estado, atuar sobre essas demandas e modificar o *status quo* (KINA, 2012; LAZAR, 2012).



POR QUE É IMPORTANTE

A cidadania é um dos fatores básicos do sucesso do desenvolvimento social, uma vez que a participação e o envolvimento crítico com a realidade dependem do reconhecimento consciente de direitos e responsabilidades na sociedade.

CIDADANIA: PRINCIPAIS FATOS NAS FAVELAS

As iniciativas populares nas favelas brasileiras promovem a cidadania de diversas formas:

- O próprio ativismo constitui participação e envolvimento cívico; essas iniciativas são explícitas sobre serem elas próprias uma força política na sociedade.
- Utilizam projetos e programas para construir liderança e ativismo comunitário.
- Aumentam a consciência de direitos e obrigações por meio de atividades específicas, tais como a vinculação de membros da comunidade a serviços públicos básicos, ações para reintegrar ex-detentos à comunidade, e a educação de jovens sobre a importância de se respeitar espaços públicos. Em contextos de informalidade, como é o caso de comunidades de favelas e outros assentamentos semelhantes, essas ações adquirem importância ainda maior. Dois exemplos de cidadania são:

Maria Maria

Trata-se de um movimento organizado pela CUFA e que foi levado para todas as regiões brasileiras. De acordo com a CUFA as mulheres se organizam com dois objetivos principais: o primeiro consiste em discutir necessidades e demandas, bem como trabalhar para expressá-las; o segundo consiste em encontrar caminhos para a participação ativa em processos de decisão política. Elas são explícitas quanto ao seu desejo de serem protagonistas em suas comunidades. O questionamento de padrões de beleza, para incluir os das mulheres negras, os círculos de leitura e as oficinas de artesanato para gerar renda, são algumas das múltiplas atividades que as próprias mulheres documentam em blogs.

Centro Cultural Waly Salomão

Trata-se de um grande centro cultural e comunitário, administrado por moradores da favela Vigário Geral, no Rio de Janeiro, e por ativistas do AfroReggae. No Centro Cultural, a cidadania é exercida por meio de:

- *Transparência e prestação de contas.* A administração do Centro envolve o gerenciamento eficaz de recursos, o registro organizado de transações, e a prestação regular de contas sobre atividades e despesas.
- *Assistência comunitária e cultural.* Os membros da comunidade com mais conhecimento e experiência prática podem prestar ajuda e orientação a outras pessoas para o acesso a serviços públicos, de modo a conectar grupos em torno de seus interesses e aumentar a percepção sobre os serviços disponíveis na comunidade.
- *Vínculo com áreas culturais.* O Centro busca a conscientização dos participantes e o envolvimento dos moradores da favela em atividades geradoras de renda, cursos artísticos, palestras e grupos de discussão. Dessa forma, a cidadania vai além do exercício de direitos e do prestar contas sobre responsabilidades como cidadão, para envolver uma visão mais ampla da participação das pessoas como agentes produtivos na comunidade.

Cidadania em ação



DO QUE SE TRATA

As ações de cidadania capacitam os membros de uma comunidade a participar da discussão de temas de interesse comum e, ao mesmo tempo, conscientiza-os sobre seus direitos e responsabilidades como parte de uma sociedade.



QUEM

- As ações de cidadania podem ser implementadas entre crianças, jovens e adultos. Nunca é tarde demais para se discutir questões de cidadania.
- As crianças e os jovens se beneficiam especialmente das iniciativas de cidadania. Quanto mais cedo for estimulado o seu pensamento crítico sobre direitos e responsabilidades, mais tempo haverá pela frente para ver quais ações concretas esses próprios sujeitos podem iniciar.
- Membros das comunidades que tiveram problemas com a polícia, com a Justiça ou com regulamentos sobre imigração. A cidadania fornece apoio à integração desses grupos e os ajuda a reconquistar a confiança para utilizar instituições e serviços.



PARA QUÊ

- Para integrar as pessoas como membros ativos de suas comunidades e, por extensão, da sociedade em que vivem.
- Para aumentar a consciência sobre os direitos das pessoas no país em que vivem.
- Para promover direitos básicos que permitam que membros da comunidade participem integralmente da sociedade, o que é importante especialmente em contextos de dificuldades, em que as pessoas carecem de recursos básicos. Esse é o caso, por exemplo, das certidões de nascimento, que são exigidas para a participação ativa de cidadãos.
- Para estimular o cumprimento de deveres cívicos entre os membros da comunidade.



COMO

Propostas de ação:

- *Formação de grupos e associações.* Incentive a formação de grupos com interesses comuns que possam oferecer apoio recíproco e trabalhar com um objetivo em vista, especialmente para reivindicar seu lugar na comunidade. Mesmo dentro de comunidades inclusivas ou de movimentos sociais, idosos, ex-presidiários, minorias religiosas ou sexuais tendem a se constituir como setores marginalizados.
- *Liderança local das organizações.* Converse com pessoas da comunidade e explore oportunidades para que elas construam e liderem suas próprias organizações, o que desenvolve habilidades de responsabilização e participação.

- *Treinamento prático de reciclagem de materiais.* Estabeleça atividades que promovam a responsabilidade social em relação ao ambiente e à utilização adequada de recursos. Essas atividades ensinam a participantes que os recursos de uso comum são responsabilidade de todos.
- *Mutirão.* Tal como discutido no item Capital social, o mutirão designa um esforço coletivo que tem em vista um objetivo comum. Iniciativas de desenvolvimento social se apoiam nessa prática para estimular a consciência sobre como o esforço coletivo pode ser utilizado para o benefício de todos – por exemplo: a limpeza de um parque ou a restauração de um centro comunitário –, assim como para atingir os objetivos de uma determinada pessoa ou de uma família, em um sistema de rodízio – por exemplo: trabalhar em melhorias para a casa de uma família da comunidade de cada vez.
- *Oficinas lúdicas em espaços públicos.* Implemente jogos ou atividades esportivas que transmitam histórias sobre o respeito aos espaços coletivos. Por exemplo: grupos de *skate* podem considerar formas de preservar e melhorar uma pista para a prática do esporte.

Figura 6
Centro Cultural
Waly Salomão



Questões para refletir sobre direitos e deveres

A seguir, encontram-se algumas questões que líderes comunitários podem utilizar para discutir com os jovens. Estas são uma boa forma de começar, caso você queira assumir um papel mais ativo na sua comunidade. Tente responder a todas as perguntas e discuti-las com seus amigos. Caso não saiba a resposta de alguma delas, procure alguém que saiba: descubra com professores, em livros e na internet.

O que fazer

- A seguir, você tem 16 quadros que pode imprimir e recortar em pequenos cartões.
- Pense em como responder a cada pergunta e anote qualquer dúvida que surja nessa atividade.
- Depois de tentar responder às questões, agrupe os cartões em três categorias: a) participação; b) direitos; e c) responsabilidades.
- Você vai perceber que alguns cartões podem ser colocados em mais de um grupo. Tente refletir sobre as sobreposições que existem entre participação, direitos e responsabilidades, e de que modo, conjuntamente, essas questões compõem a cidadania.

Cidadania

Cidadania: é o vínculo que as pessoas têm com o Estado. O que faz de você cidadão de um país não é apenas o fato de viver nele: é também o fato de estar protegido pelo Estado, por meio de leis que, por sua vez, você respeita.

A cidadania implica duas coisas inseparáveis: direitos e deveres.

Direitos: são todos os benefícios que o Estado oferece a seus cidadãos e dos quais todos podem usufruir – por exemplo: educação, saúde, voto e transporte, entre outros.

Deveres: são todas as responsabilidades que os cidadãos devem cumprir, para que a sociedade tenha uma convivência harmoniosa. Por exemplo: pagar impostos e respeitar regras sobre as quais todos concordam.

<p>No seu país, votar é um direito, um dever, ou ambos? Você é penalizado se não votar? Como?</p>	<p>Por que devemos pagar por serviços como eletricidade e água na comunidade?</p>	<p>No seu país, é obrigatório prestar algum serviço à comunidade?</p>	<p>No lugar em que você vive, onde é possível obter informações sobre direitos de moradia?</p>
<p>Você sabe como separar os materiais recicláveis dos não recicláveis? Você já pensou sobre por que é importante reciclar?</p>	<p>Você sabe quais são os seus direitos como consumidor quando compra produtos como roupas ou uma bicicleta?</p>	<p>Você já pensou em prestar serviços à sua comunidade, como líder ou representante? Conhece as responsabilidades dessas posições? Sabe quais seriam os benefícios pessoais que viriam daí?</p>	<p>Você conhece algum “esquema” que membros da sua comunidade usam para não pagar por serviços? Qual é a consequência dessas ações para a sociedade como um todo?</p>
<p>Você sabe qual é o significado de termos como <i>corrupção</i> e <i>nepotismo</i>? Se sabe, consegue explicar como eles afetam o funcionamento da sociedade?</p>	<p>Quais são os direitos básicos presentes na Constituição do seu país? Dica: educação, saúde e voto são direitos constitucionais comuns.</p>	<p>Você já pensou em atuar como voluntário na sua comunidade? Para pessoas da sua idade, quais são os canais para se realizar trabalho voluntário?</p>	<p>Você sabe quais são os seus direitos como empregado ou como autônomo? Por exemplo: a lei permite que um patrão despeça uma empregada que engravidou?</p>
<p>As leis do seu país sobre direitos e responsabilidades são diferentes ou curiosas em comparação com as de outros países?</p>	<p>A quem os líderes e os representantes políticos devem satisfação?</p>	<p>Como são utilizados os valores dos impostos que pagamos em compras e serviços? O que aconteceria se todos deixássemos de pagar impostos?</p>	<p>No seu país, a educação é obrigatória por lei? Quais são as consequências de ser ou não obrigatória, em relação ao fato de a educação ser também um direito?</p>



Oficina sobre cidadania

IDENTIFICANDO SEMELHANÇAS PARA COMPREENDER DIFERENÇAS

Objetivos:

- Descrever a cidadania em termos de direitos e deveres
- Comparar os direitos e os deveres de dois cidadãos – um policial e um morador da comunidade
- Refletir sobre o papel do Estado em relação a seus cidadãos

Duração: 35 minutos

Materiais:

Duas folhas grandes com desenhos preparados previamente / Canetas hidrográficas / Caderno e caneta para anotações

O que vamos fazer?

1. O grupo lê o a definição de cidadania na página 84 e explica, em suas próprias palavras, o que é cidadania. **(5 minutos)**
2. Na folha grande de papel, constam dois desenhos: um morador de favela, chamado “Miguel”, e um policial, chamado “Fernando”. Em um dos lados do desenho, escreva todos os direitos que eles têm. Do outro lado, escreva todos os deveres que eles têm. **(15 minutos)**
3. O grupo discute as questões apresentadas a seguir, enquanto um participante (secretário) faz anotações. **(15 minutos)**
 - a. Que direitos Miguel e Fernando têm em comum?
 - b. Se Miguel percebe que um de seus direitos não está sendo respeitado, o que ele pode fazer?
 - c. Se Fernando não cumpre suas obrigações, quem o obrigará a cumpri-las?
 - d. E quanto a Miguel? Se ele não cumpre suas obrigações, quem pode obrigá-lo a cumpri-las?



1111

RIO

Referências bibliográficas

- ALLPORT. *The nature of prejudice*. Cambridge, Mass.: The Beacon Press, 1954.
- ALMEIDA, R. C. *Papo de resposta: que papo é esse?; a essência do papo*. Rio de Janeiro: Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, Grupo AfroReggae, 2008.
- ATHAYDE, C. *Regras oficiais da Liga Brasileira de Basquete de Rua: manual dos basqueteiros, 2008–2009*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, CUFA, 2008.
- AVRITZER, L. *Participatory institutions in democratic Brazil*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.
- BAIOCCHI, G.; HELLER, P.; SILVA, M. K. Making space for civil society: institutional reforms and local democracy in Brazil. *Social Forces*, v. 86, n. 3, p. 911–936, 2008.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. Social representations theory: a progressive research programme for social psychology. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 38, n. 4, p. 335–353, 2008.
- BLOCH, M. Why religion is nothing special but is central. *Philosophical Transactions of The Royal Society B*, v. 363, n. 1499, p. 2055–2061, 2008.
- BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. *Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood, 1986. p. 47–58.
- BRETON, M. Neighbourhood resiliency. *Journal of Community Practice*, v. 9, n. 1, p. 21–36, 2001. Disponível em: <http://doi.org/10.1300/J125v09n01_02>.
- BRUNER, J. S. *Making stories : law, literature, life*. Cambridge, Mass; London: Harvard University Press, 2002.
- CAMPBELL, C.; JOVCHELOVITCH, S. Health, community and development: towards a social psychology of participation. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, v. 10, n. 4, p. 255–270, 2000.
- CAMPBELL, C. et al. Heeding the push from below: how do social movements persuade the rich to listen to the poor? *Journal of Health Psychology*, 2010. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/1359105310372815>>.
- CARVALHO, C. S.; ROSSBACH, A. *The city statute: a commentary*. São Paulo: Cities Alliance and Ministry of cities, 2010. Disponível em: <<http://www.citiesalliance.org/node/1947>>.
- CLAMMER, J. *Art, culture and international development: humanizing social transformation*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2014.
- CORNISH, F. et al. The impact of community mobilisation on HIV prevention in middle and low income countries: a systematic review and critique. *AIDS and Behavior*, v. 18, n. 11, p. 2110–2134, 2014.
- COUTU, D. L. How resilience works. *Harvard Business Review*, v. 80, n. 5, p. 46–56, 2002.
- DAYKIN, N. et al. The impact of participation in performing arts on adolescent health and behaviour a systematic review of the literature. *Journal of Health Psychology*, v. 13, n. 2, p. 251–264, 2008. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/1359105307086699>>.
-

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia*. London: Continuum International, 2004.
- FLEURY, S. Brazil's health-care reform: social movements and civil society. *The Lancet*, v. 377, n. 9779, p. 1724–1725, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogy of the oppressed*. London: Penguin, 1996.
- FREIRE, P. *Cultural action for freedom*. London: Penguin, 1972.
- GLOBO.COM. Na Vila Kennedy, moradores fazem mutirão para revitalizar teatro, e estátua reformada é devolvida a praça. *Extra*, 8 May, 2014. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/na-vila-kennedy-moradores-fazem-mutirao-para-revitalizar-teatro-estatua-reformada-devolvida-praca-12416482.html#ixzz3YLkYZoB3>>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- HARRIS, P. *The work of the imagination*. London: Wiley-Blackwell, 2000.
- HARVEY, D. The right to the city. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 27, n. 4, p. 939–941, 2003. Disponível em: <<http://doi.org/10.1111/j.0309-1317.2003.00492.x>>.
- HOGG, P. M.; VAUGHAN, P. G. *Social psychology*. 5.ed. Harlow, England: Prentice Hall, 2007.
- IBGE. *Censo demográfico 2010: aglomerados subnormais; primeiros resultados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- JOVCHELOVITCH, S. *Knowledge in context: representations, community and culture*. London: Routledge, 2007.
- JOVCHELOVITCH, S.; PRIEGO-HERNANDEZ, J. *Underground sociabilities: identity, culture and resistance in Rio de Janeiro's favelas*. Brasília: UNESCO, LSE, 2013. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/53678/1/Priego-Hernandez_2013_Underground_sociabilities.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- JUNIOR, J. *Da favela para o mundo: a história do Grupo Cultural Afro Reggae*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- KINA, V. J. Participant or protagonist?: a critical analysis of children and young people's participation in São Paulo, Brazil. *International Social Work*, v. 55, n. 3, p. 320–336, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1177/0020872812437223>>.
- LAVALLE, A. G.; ACHARYA, A.; HOUTZAGER, P. P. Beyond comparative anecdotalism: lessons on civil society and participation from São Paulo, Brazil. *World Development*, v. 33, n. 6, p. 951–964, 2005.
- LAZAR, S. Citizenship quality: a new agenda for development? *Journal of Civil Society*, v. 8, n. 4, p. 333–350, 2012. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/17448689.2012.738898>>.
- LUTHAR, S. S.; CICCHETTI, D.; BECKER, B. The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, v. 71, n. 3, p. 543–562, 2000.
- MOSCOVICI, S. *Psychoanalysis: its image and its public*. London: Polity, 2008.
- MURRAY, M.; CRUMMETT, A. 'I don't think they knew we could do these sorts of things' social representations of community and participation in community arts by older people. *Journal of Health Psychology*, v. 15, n. 5, p. 777–785, 2010.
-

- NEWMAN, T.; CURTIS, K.; STEPHENS, J. Do community based arts projects result in social gains?: a review of the literature. *Community Development Journal*, v. 38, n. 4, p. 310–322, 2003. Disponível em: <http://doi.org/10.1093/cdj/38.4.310>.
- NOVY, A.; LEUBOLT, B. Participatory budgeting in Porto Alegre: social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. *Urban Studies*, v. 42, n. 11, p. 2023–2036, 2005. Disponível em: <http://doi.org/10.1080/00420980500279828>.
- PETTIGREW, T. F.; TROPP, L. R. A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 90, n. 5, p. 751–783, 2006. Disponível em: <http://doi.org/10.1037/0022-3514.90.5.751>.
- PHILLIPS, R. Artful business: using the arts for community economic development. *Community Development Journal*, v. 39, n. 2, p. 112–122, 2004.
- PRIEGO–HERNANDEZ, J. *Participatory workshops with non-academics foster positive social impact and work as a research validation mechanism*. London: LSE, 2 Jul., 2014. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/impactofsocialsciences/2014/07/02/participatory-workshops-social-impact-research-quality/>.
- PUTNAM, R. D. *Bowling alone: the collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster, 2000.
- RAMOS, S. Respostas brasileiras à violência e novas mediações: o caso do Grupo Cultural AfroReggae e a experiência do Projeto Juventude e Polícia. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11, n. 2, p. 419–428, 2006.
- ROLNIK, S. *Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.
- SENNETT, R. Boundaries and borders. In: BURDETT, R.; SUDJIC, D. (Eds.). *Living the endless city*. London: Phaidon, 2011. p. 324–331.
- SIMMEL, G. *Sociability: the sociology of Georg Simmel*. London: The Free Press, 1950. p. 40–57.
- SKOVDAL, M. et al. Social acceptability and perceived impact of a community-led cash transfer programme in Zimbabwe. *BMC Public Health*, v. 13, n. 1, p. 342, 2013.
- UNRISD. *Social development in an uncertain world: UNRISD research agenda 2010–2014*. Geneva, 2011. Disponível em: <http://www.unrisd.org/research-agenda>.
- VIANNA, H. *Central da periferia*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/central-da-periferia-texto-de-divulgacao>.
- WINNICOTT, D. W. *Playing and reality*. 2.ed. New York: Routledge, 1982.

Anexo 1

Ferramentas e propostas de ação

Como discutimos, na evolução orgânica das ações de desenvolvimento social de base, espera-se que as ferramentas e estratégias adotadas se sobreponham. A tabela a seguir tem como objetivo fornecer uma visão geral da sobreposição das ferramentas e das propostas de ação neste manual prático.

Propostas de ação

Modelos de identificação e esquemas de apoio	●	●			
Apoio material	●			●	
Apoio à aprendizagem	●	●			
Estabelecimento de rotinas	●				
Criação de códigos de conduta	●				●
Buscando parcerias por meio de patrocínios		●			●
Buscando parcerias por meio do intercâmbio com outras comunidades		●			●
Produção de histórias			●	●	
Contar histórias dentro da comunidade		●	●		
Contar histórias fora da comunidade			●		●
Eventos de premiação			●		
Memória social			●		
Identificar a arte e a cultura da comunidade				●	
Capacitar e profissionalizar	●	●		●	
Construir parcerias e patrocínio				●	●
Ligar a expressão artística a questões sociais mais amplas		●		●	●
Diversificar instituições					●
Desenvolver ações positivas no local da sua comunidade				●	●
Criar conectores urbanos		●			●
Criar oportunidades de lazer				●	●
Desafiar representações	●	●			●
Centros comunitários que permitam o contato entre diferentes grupos dentro da comunidade		●			●
Líderes comunitários para promover o diálogo					●
Apoio institucional continuado ao processo de facilitação do contato e diálogo					●
Estruturas institucionais para dar mobilidade a grupos comunitários		●			●
Formação de grupos e associações		●			●
Liderança local das organizações					●
Treinamento prático de reciclagem de materiais					●
Mutirão		●			●
Oficinas lúdicas em espaços públicos				●	●

● Andaimos psicossociais

● Contar histórias

● Abrindo fronteiras e parcerias

● Contato e diálogo

● Autoestima e redes

● As artes

● Cidadania

Anexo 2

Notas do facilitador

Plano para oficinas

Líderes comunitários e profissionais que desejam implementar oficinas participativas encontrarão a seguir uma sugestão de estrutura para o evento. Essas oficinas podem ser realizadas com ativistas, mobilizadores comunitários e, de maneira geral, com qualquer pessoa que deseje melhorar sua comunidade. Um breve relato sobre um evento-piloto desse tipo e sobre outros recursos pode ser encontrado em [Priego-Hernandez \(2014\)](#).

Objetivos gerais:

- Elaborar os principais conceitos e ferramentas de pesquisas sobre o desenvolvimento social de base, com fundamento na experiência brasileira, e refletir sobre eles.
- Relacionar as referências conceituais à sua aplicação prática na vida cotidiana.
- Envolver os participantes na reflexão sobre a realidade de suas comunidades e sobre oportunidades e recursos para a sua transformação.
- Proporcionar aos participantes condições para que utilizem conceitos, estratégias e ferramentas, em suas atividades diárias e no seu relacionamento com o governo, com os meios de comunicação, com as empresas e outros parceiros, tanto no Brasil como no exterior.

Escopo:

A oficina foi planejada para um público de 30 pessoas, em uma sala com mobiliário móvel.

Estrutura do evento:

- Por meio de atividades participativas, os participantes discutirão os principais conceitos e ferramentas práticas apresentados neste guia prático.
- Durante o horário de almoço, os participantes poderão refletir sobre o material visual que produziram.
- Os testemunhos serão reunidos por meio de pequenos grupos, que apresentarão os resultados e as conclusões dos exercícios em uma discussão plenária.

Trabalho com as caixas de ferramentas:

- Os participantes serão divididos em quatro grupos, e cada grupo trabalhará com uma das quatro caixas de ferramentas.
 - Os temas são planejados para equipes de seis a oito participantes, incluindo um facilitador e um secretário.
 - No início das atividades, cada equipe deve dedicar os primeiros dez minutos à leitura da seção “A que se refere” dos respectivos tópicos. Após essa leitura, os exercícios devem ter início, levando-se em conta o tempo sugerido.
 - Os participantes têm liberdade para criar, adaptar e ampliar as informações e os materiais apresentados aqui.
 - As equipes devem ter em mente que, durante a discussão plenária, deverão apresentar os tópicos nos quais trabalharam.
-

Cada equipe trabalhará com uma caixa de ferramentas:

Caixa de ferramentas	Ferramentas	Página	
		Conceito	Exercício
1. Diagnóstico do contexto	Instituições	13	14
	Capital social e resiliência	16/19	20
2. Foco em indivíduos e comunidades	Andaimes psicossociais	25	32
	Autoestima e redes	34	40
3. Uso da cultura e da imaginação	Contar histórias	43	50
	As artes	52	58
4. Travessias	Abrindo fronteiras e parcerias	61	70
	Contato e diálogo	72	78
	Cidadania	80	86

A programação para uma oficina de um dia é sugerida a seguir:

Tempo	Atividades gerais	Instrumentos e materiais	Resultados esperados
9.30–10.00	Boas-vindas. Os participantes confirmam seus nomes e e-mails (opcional).	Café e biscoitos	Conhecimento sobre as referências conceituais
10.00–10.30	Apresentação geral por organizadores/líderes.	Apresentação em PowerPoint	Conhecimento sobre as referências conceituais
10.30–12.30	Discussão em pequenos grupos. Cada grupo eleger um líder e um secretário (grupo de, no máximo, oito participantes). Todos os participantes discutem os resultados apresentados nas atividades participativas. São discutidos quatro tópicos, um por grupo.	Representações visuais das relações/ideias sobre os resultados apresentados	Representações visuais das relações/ideias sobre os resultados apresentados
12.30–13.30	Intervalo para o almoço. Enquanto os participantes almoçam, os organizadores classificam suas reações (anotações produzidas no exercício anterior) em categorias significativas.	Tabela para o exercício de categorização Computador para preparar a discussão	Lista das principais questões de interesse comum para discussão
13.30–16.00	Discussão plenária conduzida por organizadores/líderes. Os participantes apresentam seus resultados e suas conclusões. São incentivados a refletir sobre a aplicação dos conceitos em sua vida diária.	Computador Tela	Gravação com outros testemunhos sobre as questões discutidas
16.00–16.30	Intervalo	Café e biscoitos	
16.30–17.00	Observações finais e avaliação do evento (questionário).	Cópias do questionário	Manifestos de compromisso com o futuro Feedback para guiar futuros eventos

Créditos das imagens

Capa

Jonas Witt www.flickr.com/photos/jonaswitt/6226529896 (CC BY 2.0)

Páginas 5 e 60

Dany13 www.flickr.com/photos/dany13/10410315896 (CC BY 2.0)

Página 9

Dany13 www.flickr.com/photos/dany13/10410461773 (CC BY 2.0)

Página 12

Dany13 www.flickr.com/photos/dany13/10410311515 (CC BY 2.0)

Página 15

Catalytic Communities www.flickr.com/photos/catcomm/7155344922 (CC BY 2.0)

Página 17

Metamorfoseambulante www.flickr.com/photos/metamorfose_ambulante/2575722713 (CC BY 2.0)

Páginas 21 e 48

Célio Silva é autor do mural, fotografia Sociabilidades Subterrâneas

Página 22

Dany13 www.flickr.com/photos/dany13/10422262646 (CC BY 2.0)

Páginas 24 e 87

Fabio Venni www.flickr.com/photos/fabiovenni/320394906 (CC BY 2.0)

Página 33

CAFOD Photo Library www.flickr.com/photos/cafodphotolibrary/9083990475 (CC BY 2.0)

Página 44

Roman Catholic Archdiocese of Boston www.flickr.com/photos/bostoncatholic/9348416542 (CC BY 2.0)

Página 59

Rodrigo Soldon www.flickr.com/photos/soldon/10346278564 (CC BY 2.0)

Página 69

João Lima www.flickr.com/photos/joaolimah/8458600478 (CC BY 2.0)

Página 73

Nate Cull www.flickr.com/photos/natecull/3108202 (CC BY 2.0)

Página 75

Fernando Freitas www.flickr.com/photos/fernando_freitas/5325588202 (CC BY 2.0)



Department of
Social Psychology

Departamento de Psicologia Social
The London School of Economics
and Political Science
Houghton Street
Londres, WC2A 2AE
Reino Unido

Este guia prático está disponível em
<http://eprints.lse.ac.uk/62564>

Publicado em julho de 2015



Os objetivos da parceria estratégica entre a UNESCO e a LSE estão plenamente incorporados neste valioso guia prático, uma contribuição concreta em termos de pesquisa de alta relevância sobre inclusão social para formuladores de políticas públicas e profissionais da área de desenvolvimento social no Brasil e no mundo.

Nada Al-Nashif, Diretora Geral de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO.



Este guia prático exemplifica as conquistas de nossa colaboração com a UNESCO: uma troca de conhecimentos efetiva que demonstra como a excelência em pesquisa pode ser transformada em ferramentas para guiar políticas públicas, desenvolvimento e mudança social.

Julia Black, Pró-Reitora de Pesquisa da LSE.



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação
no Brasil

